

Revista da Disciplina de
Oficinas de Linguagens
Culturais e Suas Formas
de Expressão e da
Disciplina de
Mobilidades Culturais
1º e 2º Semestres • 2019
Ano 9 • Nº 15



Deslocamentos:
Olhares e Percursos

memória e linguagens

culturais

Programa de
Pós-Graduação em
Memória Social
e Bens Culturais

UNIVERSIDADE
LaSalle 

Esta revista é uma criação dos alunos do curso de Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, da Unilasalle Canoas, para as Disciplinas de Oficinas de Linguagens Culturais e Suas Formas de Expressão e Mobilidades Culturais, de 2019, sob orientação da professora Dra. Zilá Bernd e da professora Dra. Lúcia Regina Lucas Rosa.

**SOBRE O PPG EM
MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS**

O Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (PPG-MSBC) é composto por um curso de mestrado profissional e um doutorado acadêmico. O mestrado profissional é um diploma equivalente ao de mestrado acadêmico, autorizando o titulado a atuar no Ensino Superior. Sua vantagem em relação a um curso acadêmico é a ênfase no impacto social da pesquisa científica: para além de uma dissertação, o Mestre Profissional gera uma série de produtos técnicos que contribuem para que sua pesquisa repercuta imediatamente na sociedade – em organizações, instituições, empresas, etc. Trata-se, portanto, de um processo de formação que enfatiza a inserção profissional para além dos muros da Universidade.

**SOBRE A DISCIPLINA DE OFICINAS DE
LINGUAGENS CULTURAIS E SUAS
FORMAS DE EXPRESSÃO**

Noções de linguagens: comunicação e expressão. Linguagens como suporte da memória cultural. Linguagem como espaço de negociação identitária, de interação cultural e de passagens transculturais. Adequação das linguagens a diferentes usos (midiáticos, tecnicocientíficos e simbólicos). Linguagens e mediações tecnológicas: texto, imagem som no universo digital. Heterogeneidade, mobilidade e hibridação das linguagens. Olhar, foco e perspectiva.

**SOBRE A DISCIPLINA DE
MOBILIDADES CULTURAIS**

Conceito de mobilidades culturais, vantagens e pontos de fragilidade. Importância da noção de mobilidade cultural em contextos de globalização e/ou de fronteira, marcados por fluxos migratórios, transferências e choques culturais. Estudo de mobilidades espaciais, temporais, discursivas e linguísticas. Exemplos de nomadismo intelectual, de movência para alteridades, de percurso e de variações culturais, passagens do nacional ao transnacional. Oficinas: estudo de caso de mobilidades culturais verso digital. Heterogeneidade, mobilidade e hibridação das linguagens. Olhar, foco e perspectiva.

EXPEDIENTE:

Reitor

Prof. Dr. Paulo Fossatti

Vice-Reitor

Pró-Reitor de Pesquisa e Extensão

Pró-Reitor de Graduação

Prof. Dr. Cledes Casagrande

Diretora de Pós-graduação e Pesquisa

Prof. Dra. Patricia Kayser Vargas Mangan

**Coordenador do Programa de Pós-Graduação em
Memória Social e Bens Culturais**

Prof. Dr. Lucas Graeff

**Coordenadora Adjunta do Programa de Pós-Graduação
em Memória Social e Bens Culturais**

Prof. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin

**Professoras da Disciplina de Linguagens Culturais e
Suas Formas de Expressão e de Mobilidades Culturais**

Prof. Dra. Zilá Bernd

Prof. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa

Projeto Gráfico e Diagramação

Guilherme "Sme" Sfredo Miorando

guilhermesmee@gmail.com

Revisão

Prof. Dra. Zilá Bernd

Prof. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa

Fotos

Retiradas do Banco de Imagens FreePik.com
(menos quando indicadas na seção)

<http://br.freepik.com>



editorial

olhares & percursos

A Revista Memória e Linguagens Culturais é uma publicação semestral de divulgação científica vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle. Seu objetivo é veicular produções discentes realizadas no âmbito das disciplinas de “Mobilidades Culturais” e “Oficinas de Linguagens culturais e suas formas de expressão”. Em formato de magazine, é um canal de comunicação entre as produções de alunos de mestrado e doutorado em Memória Social e Bens Culturais e a comunidade. Sua linha editorial propõe (1) questões ligadas às diversas formas de expressão das linguagens culturais como textos escritos, autobiográficos, literários, jornalísticos, teatrais, das artes visuais, etc (2) estudos de caso de mobilidades culturais – espaciais, temporais, discursivas e linguísticas; e (3)

análises críticas da noção de mobilidade cultural em contextos de globalização e/ou de fronteira, marcados por fluxos migratórios, transferências e choques culturais.

A presente edição inclui na realidade dois números elaborados no primeiro e no segundo semestre de 2019.

Na primeira parte: PERCURSOS QUE CONTAM HISTÓRIAS, contamos com a participação dos mestrandos do PPG Memória social e Bens culturais que se debruçaram sobre temas da atualidade a partir das teorias vistas na disciplina de Oficinas de Linguagens e suas formas de expressão. Carla Weber contribuiu com o texto “Uso e abuso de drogas: novos dis-

cursos?” onde, com base nas teorias de Mikhail Bakhtin, procura evidenciar como a nova Política Nacional sobre Drogas tem se posicionado, tanto no que refere a sua nova conduta de tratamento, quanto ao discurso usado por gestores da área no que concerne aos usuários de álcool e outras drogas. Já a reflexão de Edison Luís do Amaral discute as repercussões na mídia da lei Afonso Arinos, dando excelentes exemplos de racismo em jornais brasileiros. Carlos Augusto Godoi em “Histórias pitorescas em rememoração do passado” traz exemplos de lembranças de servidores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que possuem memórias de fatos pitorescos ocorridos em seus ambientes de trabalho os quais guardaram na memória mesmo após terem decorrido longos anos. Finalizando este primeiro bloco de textos relacionados com a linguagem, Marcelo Luis Henriques da Silveira, a partir de entrevista realizada com um imigrante recém chegado da Venezuela a Canoas discorre sobre suas “Memórias de uma pátria não esquecida”.

O número atual traz reflexões, entre outras coisas, sobre obras presentes na 11ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul, realizada em Porto Alegre.

No segundo bloco, que intitulamos TRAJETÓRIAS DO OLHAR, trazemos reflexões de mestrandos que foram visitar o Farol Santander em Porto Alegre que apresentou no segundo semestre de 2019 uma belíssima exposição sobre o escritor português José Saramago, prê-

mio Nobel de Literatura, intitulada: Os pontos e a vista, assim como de mestrandos que vivenciaram experiências de mobilidade cultural importantes através de viagens e/ou observações de trabalho.

Paulo Fernando Pires da Silva, em “Paraty entre ciclos e entre lugares” conta, através de seu olhar de fotógrafo, suas observações acerca do entrecruzamento cultural que pode vivenciar na bucólica cidade de Paraty. Ronaldo Silva Lopes apresenta uma experiência de ensino-aprendizagem em “O discurso do professor e do aluno: elo entre a Vila Pedreira e a Escola Municipal de Educação Básica Trindade, em Esteio RS”.

Os três últimos artigos iluminam a exposição sobre José Saramago. Cristiane Gomes, em texto intitulado “Trajetórias narrativas: sobre a mobilidade em contos de José Saramago e Machado”, estabelece perspectiva comparada entre esses dois grandes escritores da língua portuguesa: Saramago e Machado de Assis, através de seus contos. Jaqueline Trombin compôs um sensível texto sobre as mobilidades no tempo e no espaço de José Saramago as quais se refletem em sua prolífica produção literária. Por último, Carla R. C. Alves em “Dá-me um barco: a experiência de viver longe de casa”, disserta sobre o conto da Ilha desconhecida de Saramago que compara com um elemento importante da exposição que se constitui de muitos livros de autoria de Saramago que ficam suspensos no teto, dando a ideia de que vão alçar voo: “a revoada de livros expostos no hall do Farol Santander, parecem alçar voo a novos territórios, a novas fronteiras e, como teria dito Saramago, foram parte de sua formação literária e humana”.

ORIENTADORAS/ ORGANIZADORAS:

LUCIA REGINA LUCAS DA ROSA



Lucia Regina Lucas da Rosa, professora de literatura brasileira, africana, ensino de língua e literatura; professora colaboradora no PPG em

Memória Social e bens Culturais e coordenadora do curso de Letras na Universidade La Salle. Doutora em Literatura Brasileira, coordenadora de projetos de arte e cultura, como a peça Mulheres de Machado, saraus culturais e organização de livros biíngues de contos.

ZILÁ BERND



Zilá Bernd é professora e orientadora do PPG Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle e pesquisadora 1A do CNPq. É

autora de vários livros e artigos sobre memória social, estudos canadenses e questões de identidade e de hibridação cultural nas Américas.



sumário

editorial

3

artigos

uso e abuso de drogas:
novos discursos

por Carla Weber

8

repercussão na mídia da lei Afonso
Arinos

por Edison Luís Amaral de Moura

12

sumário

6

histórias pitorescas em rememoração
do passado

por Carlos Augusto Godoi

16

histórias de uma pátria não esquecida

por Marcelo Silveira

20

Paraty: entre ciclos e lugares

por Paulo Fernando Pires da Silveira

24

o discurso do professor e do aluno

por Ronaldo Silva Lopes

28

**dá-me um barco: a experiência de viver
longe de casa**

por Carla Carla R. C. Alves

43

**trajetórias narrativas: olhares sobre
a mobilidade em contos de
Saramago e Machado**

por Cristiane Gomes

32

resenha

**Negritude e literatura na América
Latina, de Zilá Bernd**

por Guilherme “Smee” Sfredo Miorando

52

**Saramago: o legado de suas múltiplas
mobilidades**

por Jaqueline Trombin

39

**memória e linguagens
culturais**

UNIVERSIDADE
LaSalle ★



uso e abuso de drogas: novos discursos?

Para Mikhail Bakhtin (1986), o caráter fundamental da linguagem na natureza humana é o diálogo, fundado nas interações verbais entre os sujeitos. É através da linguagem que o homem criou a possibilidade de adquirir consciência, de pensar, de perceber que sabe, de agir sobre o seu meio, e por fim, ampliar sua liberdade. Essas considerações fundam o conceito de dialogismo. Ainda para o autor, o dialogismo se apresenta nas obras impressas, na leitura, nas mídias impressas e virtuais, nas propagandas e em todas as áreas onde o discurso é observado no contexto das interações e onde se realiza um processo que preenche um espaço pertencente igualmente ao mensageiro e a quem recebe a mensagem. Mas, por outro lado o discurso também pode se apresentar como monológico, onde existe a privação do diálogo que impossibilita ao sujeito se colocar como autor das transformações sociais, mas sim como um mero ouvinte, cristalizado em ideias pré-concebidas (BAKHTIN, 1986).

Apresentamos uma pequena partícula dos conceitos de Mikhail Bakhtin (1895-1975) importante filósofo da linguagem para estabelecer um paralelo de como a nova Política Nacional sobre Drogas tem se posicionado, tanto no que refere a sua nova conduta de tratamento, quanto ao discurso usado por gestores da área no que concerne aos usuários de álcool e outras drogas. Isso foi pensado no sentido de que o modo como o discurso é articulado determina ações na construção da maneira de pensar, criar e recriar políticas e práticas sobre dependência química. Sendo assim, o discurso pode atuar como um modo de construção dialógica onde se permitem interações com os sujeitos envolvidos na área, articulando a possibilidade de construção de conhecimento, ou em uma construção monológica, onde os interlocutores sufocam as interações com o outro e a expectativa de respostas que possam produzir novas formas de pensar (BRAIT, 2014).

A reportagem: “Especialistas em saúde avaliam pontos polêmicos da nova política nacional de drogas” da jornalista Iarema Soares, publicada no dia 21 de maio de 2019, vinculada ao caderno GAÚCHA ZH. O texto fala sobre a proposta de alteração da política nacional de drogas do Brasil, apresentada pelo ministro da Cidadania, Osmar Terra, e aprovada no Senado na última quinta-feira, dia 15, e agora à espera de sanção presidencial.

A nova proposta traz pelo menos duas novidades polêmicas pontuadas pela repórter. A primeira é a internação compulsória, e, portanto, involuntária, por até 90 dias de dependentes químicos. A segunda fala sobre inserção das comunidades terapêuticas como vias de tratamento dos usuários, que hoje, funcionam como centros de reabilitação calcados na religião, na abstinência e no trabalho. Aliado a essas duas novidades, a proposta não distingue usuário de dependente químico.

Durante a votação, alguns conselheiros do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e a representante no CONAD (Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas) do CFP (Conselho Federal de Psicologia) questionaram a falta

de debate da proposta com a sociedade. O ministro Osmar Terra rebateu que o assunto é o mais debatido pela população brasileira e alegou que várias audiências públicas foram realizadas nos últimos anos, mesmo sem conseguir nomear nenhuma delas. Conhecido por defender a internação compulsória, o Ministro da Cidadania usou o Projeto de Lei (PLC 37), de sua autoria e ainda em tramitação no Senado, como uma das bases da nova diretriz nacional.

Outra crítica, segundo o Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz, em matéria publicada em 9 de março de 2018, é a de que o Ministro da Cidadania que tomou posse em 2016 para a cadeira que cabe ao Ministério do Desenvolvimento Social, em uma autonegação, nunca havia comparecido às reuniões de pauta a não ser a reunião que antecedeu a aprovação da proposta. A reunião em questão aconteceu após um ano sem que o Conselho se reunisse.

Especialistas da área que avaliam a nova proposta como um retrocesso, não compreendem outras formas de pensar a dependência química, e a percebem como incompleta e higienista. Não foca na redução de danos e na saúde integral dos usuários, mas, sim, na abstinência e na internação, deixando entrever um viés moral e uma volta ao modelo biomédico que vem na contramão da Reforma Psiquiátrica, e não prevê um olhar mais atento aos direitos do usuário. A proposta de tratamento através de Comunidades Terapêuticas gera polêmica por serem instituições centradas na internação e no isolamento do usuário, funcio-

Especialistas não compreendem outras formas de pensar a dependência química, além das já estabelecidas



nando sob a lógica do isolamento, e ferindo a laicidade das políticas saúde por obedecerem lógicas de cunho religioso.

Surge a crítica a um discurso autoritário cujo desrespeito à maioria nos remete a um passado não muito distante

que as vozes que articularam as mudanças funcionaram com características de autoritarismo, excluindo toda e qualquer possibilidade dialógica que pudesse se estabelecer. Esse monólogo discursivo que faz com que a possibilidades da construção de juízo crítico seja negada, nos suscitou questões que

Não se trata de militar por essa ou aquela proposta dentro da Política Nacional sobre Drogas, mas sim de se questionar as bases de diálogo estabelecido na apreciação desta nova proposta. A nós pareceu

permanecer sem resposta: As resoluções fomentaram a discussão da sociedade civil, nos atores sociais e nos profissionais de saúde envolvidos? Respeitou os parâmetros mundiais quanto aos protocolos de saúde no que concerne aos usuários de álcool e outras drogas? Qual a aplicabilidade de uma proposta que foi pensada sem buscar a ampla opinião das áreas envolvidas?

Essas e outras questões parecem não ter sido apreciadas dentro das novas propostas. O que remete ao discurso monológico, já comentado, em que a possibilidade dialógica é retirada do contexto das ideias, e o que sobra é a total ausência de diálogo, ou seja o discurso autocrático que não respeita opiniões contrárias. O Brasil é uma democracia jovem, e as propostas de discussão de todas as questões, que afetam a sociedade juntamente com os envolvidos, têm sido implementadas desde a Nova Constituição de 1988. Em razão disso surge a crítica ao discurso autoritário e que encontra eco apenas em uma parcela da população, mas que não respeita sua maioria, e nos remete a um passado não tão distante. O Brasil já viveu momentos onde as políticas de públicas eram decididas e aplica-



das de maneira arbitrária aos desejos e reais necessidades da população atingida.

Um longo caminho foi percorrido desde que a visão de saúde se limitava à ausência de doença, até que se alcançasse o patamar da visão integral e multi relacional da saúde. O trajeto deste percurso se deu em paralelo com a retomada da democracia como estado de direito, com isso as portas do diálogo foram novamente abertas, e qualquer tipo de autoritarismo que sinalize um retrocesso a esta abertura deve ser no mínimo um foco de grande desconfiança e avaliação crítica.

Por esta razão é que tomamos a licença poética de juntar um ponto de interrogação ao título deste texto, na tentativa de provocar uma análise crítica sobre os fatos. Ainda em que se preconizem que estas propostas sobre a atenção à saúde sejam “novas”, não se consegue ficar imune em observar a falta de interação do governo com as outras áreas da sociedade, pelo menos nesta questão. Talvez a discordância e o sentimento de desconforto que esta pauta suscita em nós, profissionais da área, seja o de perceber que este assunto nos “cheira” a um prato requentado e que está sendo servido frio.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 3ªed., São Paulo, Hucitec, 1986,199 p.
BRAIT, Beth (org). BAKHTIN: Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2014.

CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DA FIOCRUZ: Pesquisa, Política e Ação em Saúde Pública. Retrocesso. Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas aprovou proposta contra Redução de Danos. Fundação Osvaldo Cruz. Rio de Janeiro/RJ, 19 mar. 2018. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br>. Acesso: 22 maio 2019.

SOARES Iarema. Especialistas em saúde avaliam pontos polêmicos da nova política nacional de drogas. GAÚCHA ZH Saúde. Porto Alegre/RS, 21 maio 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2019/05/> Acesso: 22 maio 2019.

AUTORA:

CARLA NUNES WEBER



Psicóloga clínica; Graduada em Psicologia pela Universidade LaSalle; Mestranda em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade LaSalle.



as repercussões na mídia da lei Afonso Arinos

Faz-se necessária uma breve contextualização sobre a conjuntura política e social do momento da aprovação da lei Afonso Arinos. Considerada a primeira lei antirracismo do Brasil a referida lei foi promulgada em 3 de julho de 1951, pelo Presidente Getúlio Vargas. A princípio muito saudada pela mídia impressa hegemônica daquela época, como uma reedição da redentora Lei Áurea e seu proponente elevado ao altar da emergente “Democracia Racial”, sendo considerado por muitos, aqui incluída uma considerável parcela do movimento negro, como uma benevolente “Princesa Isabel de Calças”. Indubitavelmente a lei foi pioneira por levar em consideração as atrocidades cometidas contra os afrodescendentes antes e depois da abolição, entretanto, as motivações políticas do deputado Arinos não eram exatamente o que se poderia considerar como uma dádiva celestial ou um decreto divino e magnânimo.

É importante observar que naquele cenário político havia outros atores e atrizes, culturais e políticos, de reconhecimento internacional na caracterização do Brasil como uma República modelo nos quesitos da igualdade e da harmonia racial. Estou me referindo aqui a Gilberto Freyre e Florestan Fernandes, sendo o primeiro autor de um discurso emocionado na tribuna da Câmara aclamando a grandiosidade do momento histórico proporcionado à Nação, pelo então colega deputado, e que com certeza, elevaria o nome do país diante do mundo como o paraíso das três raças, corroborando e fechando com chave de ouro o pontapé inicial dado por Freyre, dezoito anos antes, com a obra *Casa Grande e Senzala*. Nesta obra Freyre pintou de cor-de-rosa a colonização e a escravidão no Brasil. Certamente o autor do célebre romance reconhecia e saudava a importância da evolução do caráter e das atitudes de Arinos e, assim sendo, considerava a lei, não só benevolente, como também uma redenção dos pecados passados da Nação.

O jornal *Correio do Povo* de Porto Alegre, publicou em seu editorial, escrito pelo jornalista Rivadávia de Souza, em 21 de julho de 1950, partes dos discursos acalorados dos deputados, criando um elo muito forte com um episódio, na época recente, de racismo ocorrido em um hotel em São Paulo, com a famosíssima bailarina afrodescendente norte-americana Katherine Dunham. A mundialmente reconhecida antropóloga e bailarina, juntamente com todo o corpo de baile que a acompanhava, foi impedida de se hospedar no referido hotel, sob a alegação do gerente de que “aquele estabelecimento não recebia gente de cor”. O próprio Arinos teria mencionado, em discurso que pedia a urgência na votação da lei, o episódio como sendo um dos fatores motivadores de seu projeto de lei. Como vemos aqui, não se trata de nenhuma novidade o apoio da mídia hegemônica a projetos populistas e demagógicos, na atualidade. (DEFESA, 1950, p.4)

Essa maravilhosa mulher que também atendia pela alcunha de Kaye Dunn é dona de um currículo fantástico e para que se faça



justiça é necessário contar uma parte da trajetória da grandiosa Estrela Negra em sua formidável batalha em prol da defesa e divulgação das culturas e religiosidades afrodescendentes. A grande dama negra da dança iniciou sua jornada na literatura e na dança, de maneira muito precoce quando, com apenas doze anos de idade, em 1921, escreveu um pequeno conto, aquilo que os norte-americanos chamam de short story, sob o título de *Come Back to Arizona*, publicado numa espécie de livro anual da escola em que estudava, este livro era chamado de *The Brownies Book*. Ainda no equivalente ao ensino médio estadunidense, ela abre uma escola de dança exclusiva para crianças negras, em uma atitude que antecipou em décadas os movimentos por direitos civis naquele país.

Ao entrar no ensino superior, na Universidade de Chicago sua brilhante carreira não passa despercebida e ela é pre-

A lei Afonso Arinos foi considerada a primeira lei contra o racismo, promulgada em 3 de julho de 1951

Arinos se tornaria um ferrenho opositor a Vargas, que ajudou a se candidatar

miada, em 1935, pelas fundações Julius Rosenwald e Guggenheim, com a possibilidade de conduzir um estudo etnográfico sobre as formas de dança do Caribe, especialmente aquelas manifestadas na prática da religiosidade Vodou no Haiti. A dedicação da antropóloga em seus estudos investigativos, bem como sua intensiva participação em rituais de iniciação, lhe renderiam a honraria de ser elevada à condição de Mambo - uma espécie de suma sacerdotisa - da religiosidade Vodou.

A partir de 1928, Dunham começa a trilhar o caminho da dança, ela começa a estudar balé com a bailarina russa Ludmilla Speranza. Aos vinte e um anos, em 1931 Catherine passa a integrar o grupo chamado Ballets Nègres, uma das primeiras companhias negras de balé dos Estados Unidos. Incentivada pela bailarina russa, Dunham redireciona seu foco para a dança moderna ao invés do balé ao abrir sua primeira escola de dança, chamada de O Grupo Negro de Dança, em 1933. Ela iria atuar, entre 1934 e 1936, como artista convidada na Companhia de Balé da Ópera de Chicago.

Todo este envolvimento com o meio artístico cobraria um preço, em 1938 utilizando-se do material produzido por sua pesquisa no Caribe, ela submete ao Departamento de Antropologia da Universidade de Chicago sua dissertação de mestrado intitulada "As Danças do Haiti: Um estudo de seus aspectos materiais, organização, forma e função", como parte dos requisitos para a conclusão do mestrado mas ela nunca completaria o curso pois optaria pela dança em detrimento da antropologia.

O arquivo consultado no CPDOC referente a Arinos o descreve como descendente de uma linhagem da elite da política, da in-

telectualidade e da diplomacia brasileira, que remonta à época do império, de acordo com o importante Centro de Pesquisas, o avô de Arinos, Vírgilio Martins de Melo Franco, foi deputado da Província das Minas Gerais durante o reinado de Pedro II. Seu pai foi embaixador do Brasil junto à Liga das Nações no crucial momento histórico do "entre guerras". Durante a infância Afonso Arinos, frequentou, em Minas, os colégios Anglo-Mineiro e Arnaldo, onde teve como colegas, entre outros que iriam se tornar sumidades da intelectualidade brasileira como por exemplo Carlos Drummond de Andrade.

Em agosto de 1927 é diplomado em direito e neste mesmo período assume a função de redigir notícias e escrever artigos tratando de política internacional, no jornal Diário de Minas, tendo como redator chefe, seu antigo colega de colégio, Carlos Drummond de Andrade. Em 1928, passou a escrever crônicas em O Jornal, de propriedade de Assis Chateaubriand que viria a ser o comandante da gigante jornalística Diários e Emissoras Associados. Ainda nesta mesma época, Arinos se aproxima de expoentes do modernismo, tais como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freire e Manuel bandeira.

Arinos participou ativamente da campanha da Aliança Liberal que lançaria Getúlio Vargas e João Pessoa, candidatos à eleição presidencial em 1930. Mais tarde Arinos se tornaria um ferrenho opositor do mesmo Getúlio que ajudou a se candidatar.

Em julho de 1951 o Congresso aprova seu projeto de lei que transformava em contravenção penal práticas de atos de preconceito de raça e cor. Naquele momento Arinos foi amplamente exaltado pela imprensa, inclusive pela cadeia de Chateaubriand e pela Companhia Jornalística Caldas Júnior entre outros veículos da imprensa nacional.

O controverso político se destacaria por defender, em 1952, a participação do Brasil em um acordo militar com os Estados Unidos que permitiria aos norte-americanos requisitar tropas brasileiras para a Guerra da Coreia. Anos mais tarde na condição de ministro das



Relações Exteriores de Jânio Quadros, abandona o alinhamento com os Estados Unidos e defende a reaproximação comercial e diplomática com países socialistas, como Cuba de Fidel Castro.

REFERÊNCIAS:

DEFESA contra os arianos. Correio do Povo, Porto Alegre, p. 4, 21jul.1950, p.4

JÚNIOR, Paulo Melgaço da Silva. Mercedes Baptista - A Criação da Identidade Negra na Dança. Copyright -2007 Paulo Melgaço da Silva Júnior

"Timeline: The Katherine Dunham Collection at the Library of Congress (Performing Arts Encyclopedia, The Library of Congress)". memory.loc.gov. Retrieved 2016-04-25.

MOURA, Edison Luis Amaral de. A festa de navegantes: a influência das irmandades negras. In: História, cultura e religiosidades afro-brasileiras [recurso eletrônico] / Amanda Domeles; Artur Cesar Isaia; Gabriela Portela Moreira; Jamily Veit Scheffer; Niely da Silva Pastelletto; Tatiana Vargas Maia (Org.) Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <http://www.editorafi.org>

MOURA, Edison Luis Amaral de. O incidente Katherine Dunham e sua influência na promulgação da Lei Afonso Arinos: reflexos na mídia e nas relações raciais no Brasil do início dos anos 1950. In: História, cultura e religiosidade afro-brasileiras: volume 2 [recurso eletrônico] / Artur César Isaia; et al (Org). Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <http://www.editorafi.org>

AUTOR:

EDISON LUIS AMARAL DE MOURA



é graduado em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade La Salle de Canoas RS. Atualmente é mestrando em Memória Social e Bens Culturais do Programa de Pós Graduação, também da Universidade La Salle.

histórias pitorescas em reme- moração ao passado

Para expressar o processo de memória, a linguagem que utilizamos para tal é fundamental. A linguagem oferece possibilidades várias, criando palavras, e em cada época da história algumas delas adquirem um prestígio especial. A memória nada mais é do que condensar em si tudo que há de excelente na vida humana (QUINTÁS).

Primeiramente, é necessário ter em mente que devemos partir do pressuposto de que a memória não deve ser compreendida como mero processo de estocagem. Ela significa uma diferente forma de apreender o passado. Para Freud (2011), a atividade mnemônica é, propriamente, reinscrição. Nesse ponto, cumpre apontar que “o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim atua”, no sentido de não ser a memória limitada ao ato de descrever o vivido.

Nesse sentido, inserir as histórias pitorescas enquanto fio condutor da rememoração do passado importa em dizer que possuem uma forma de apreensão e concepção





do mundo pautada não só pela visualidade, em que se interpreta a realidade por meio de referenciais fornecidos pela linguagem artística, mas também que abrangem diversos campos da cultura, principalmente o da memória social.

O relato aqui discutido procura registrar, de modo breve, as histórias pitorescas de servidores da Coordenadoria de Segurança da UFRGS (CoordSeg), relacionando, para tanto, com a rememoração do passado. Tais histórias ou, também, casos pitorescos, nada mais são do que a divulgação de fatos que marcaram e que permearam a rotina destes servidores ao longo de sua vida profissional na Universidade.

[...]Casos pitorescos nada mais são do que a divulgação de fatos que marcaram e que permearam a rotina destes servidores ao longo de sua vida profissional.

As histórias pitorescas permitem que fatos vividos sejam rememorados, recontados e revividos, possibilitando não apenas transmitir aquilo que foi sentido como também demonstrar a experiência pela qual alguém passou. Assim, é possível dizer, inclusive, que tais histórias são dotadas de um valor

simbólico, cultural e social, uma vez que sua lembrança representa momentos de uma dada época, histórica ou não, mas que são representativos de um grupo social que os vivenciou.

De acordo com Tedesco (2014), a memória é o espaço a partir do qual se produz uma síntese entre o cotidiano e a experiência vivida. Neste sentido, o cotidiano acaba sendo o espaço por excelência dos materiais de memória. Por isso, a nossa experiência da nossa própria vida passada é apoiada sobre atos racionais em tempo recorrente. É importante destacar, ainda, segundo Tedesco, que tempo e espaço são carregados de valores, de símbolos socialmente definidos, os quais são disseminados pelos grupos dos quais os indivíduos participam ao longo de suas vidas.

Casos pitorescos marcaram e permearam a rotina dos servidores na sua vida profissional na UFRGS

Memória coletiva e memória histórica na obra de Maurice Halbwachs

Segundo Ferrarotti (1997), as pessoas não são a soma de suas próprias recordações, mas aquilo que elas são determina o conjunto das suas recordações. Além disso, a memória é constituída por uma dimensão

Os quadros sociais da memória funcionam como ponto de referência para a construção subjetiva das lembranças

dinâmica, um esforço de significação, não só de seleção, mas de reinterpretação sucessiva do passado. Portanto, a imagem que o indivíduo tem de si mesmo é o produto da sua experiência social.

Uma das histórias resgatadas na universidade diz respeito ao caso de um antigo servidor que compartilhou algo tido por ele como “assustador, sombrio”.

“Por conta disso, nunca mais resolvi pôr os meus pés num elevador”.

Relata, o referido servidor, que quando trabalhava no antigo prédio da Gráfica da UFRGS, hoje o atual prédio da Faculdade de Educação (FACED), deparou-se com

uma situação muito incomum. No ano de 1982, em uma certa noite, devido ao seu turno de trabalho, escutou um barulho estranho no andar de cima, pois a vigilância era exercida, por seu turno, em um andar abaixo. Assim, resolveu subir para que verificasse eventual possibilidade de um estranho ter ingressado no prédio. Quando finalmente chegou ao andar de cima, viu que uma janela estava aberta, deduzindo que, em decorrência do vento na rua, ele teria causado o fechamento abrupto da janela e, por consequência, o tal barulho. Com o problema aparentemente resolvido, apertou o botão de chamada do elevador. Pensando estar tudo em ordem, no momento em que o elevador chega ao andar e abre suas portas, surpresa: havia um boneco, com roupa de gente, amarrado e enforcado por uma corda, sentado em uma cadeira! Naquele instante, diante de uma cena bizarra e amedrontadora, resolveu deixar o local rapidamente, partindo ligeiramente pelas escadas a fim de evitar possível encontro com qualquer entidade não pertencente a este mundo terreno.

No contexto da teoria de Halbwachs (2006), há destaque para o que ele denomina de quadros sociais da memória. Estes, por sua vez, não são simples formas vazias, nas quais as recordações, vindas de fora, se inserem, mas os quadros são, ao contrário, os instrumentos dos quais a memória cole-



tiva se serve para recompor uma imagem do passado que em cada época está em acordo com os pensamentos dominantes da sociedade. Funcionam como pontos de referência para a construção subjetiva de lembranças. Eles determinam o que deve ser lembrado, esquecido, silenciado ou comemorado pelos indivíduos. A contextualização realizada pelos quadros sociais inclui, ainda, a padronização social do tempo e do espaço, dimensões fundamentais da experiência humana. Ainda, para o autor, a identidade se faz pouco a pouco, com base na experiência vivida, rememorada, retida anteriormente. Nesse sentido, a memória é o componente essencial para a identidade do indivíduo e sua integração social.

Além disso, a memória é constituída por uma dimensão dinâmica, um esforço de significação, não só de seleção, mas de reinterpretção sucessiva do passado. Portanto, a imagem que o indivíduo tem de si mesmo é o produto da sua experiência social.

Um segundo relato, neste contexto de histórias pitorescas, também é de outro servidor da CoordSeg. Contrastando com a primeira já contada, esta tem um aspecto cômico e divertido aos olhos de quem a ouve. Em um certo dia de rotina para um grupo de vigilantes, em meados de 1984, havia a determinação para que os mesmos ficassem em postos de plantão, cobrindo a área de segurança, só podendo sair do posto quem realizava a rendição. Certa feita, ao ouvir e prever uma situação que merecia sua atenção, um dos vigilantes saiu de seu posto e correu em disparada em direção a um possível suspeito para os lados do Parque da Redenção. Instantes depois, o mesmo vigilante volta à localização inicial, mas sem ter pego suspeito algum. Segundo os demais colegas, era apenas uma situação instintiva que, aliada ao fato do vigilante querer impressionar a chefia que estava presente, o fez para mostrar serviço. Embora não tenha tido um resultado efetivo - diga-se de passagem, uma possível captura de um suspeito - foi o suficiente para arrancar boas gargalhadas junto aos demais colegas

seus presentes naquele dia.

Compreender as histórias pitorescas como aquelas que trouxeram fatos que ficaram marcados pela sua excentricidade e inusitude permite que o passado seja rememorado, justamente porque chamou a atenção por conta de sua particularidade. Assim, tal história permite que uma memória do passado possa se tornar ou não um marco para um determinado grupo social, seja por possuir certa capacidade de entreter ou por ter sua essência própria que remete a coisas acontecidamente diferentes.

Por fim, pode-se dizer que a linguagem é o maior dom que o homem possui. Porém, seus traços denotam ambivalência, podendo ser tanto difusora da verdade ou propagadora da mentira. A linguagem oferece possibilidades para, em comum, descobrir a verdade e, também, transmitir fatos contidos na memória e no processo de rememoração do passado (QUINTÁS).

REFERÊNCIAS:

FREUD, Sigmund. Notas sobre o bloco mágico. Obras completas. Vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.

TEDESCO, João Carlos. Nas cercanias da memória: temporalidade, experiências e narração. 2ª ed. - Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2014.

FERRAROTTI, F. L'Italia tra storia e memoria. Roma: Donzelli, 1997.

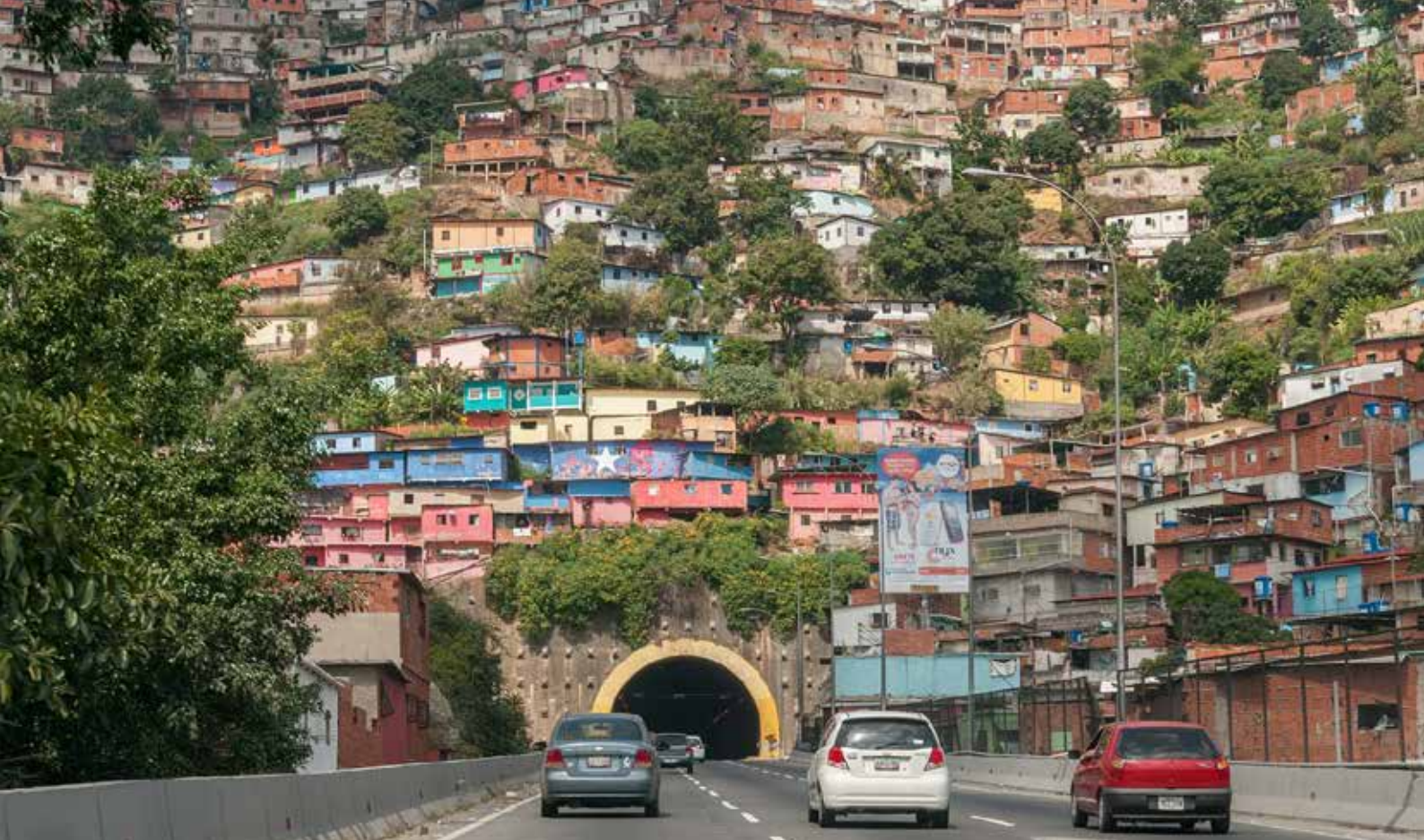
HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

AUTOR:

CARLOS AUGUSTO GODOI



Mestrando em Memória Social e Bens Culturais - UNILASALLE. MBA em Gestão de Talentos e Clima Organizacional, Graduado em Gestão de Recursos Humanos.



memórias de uma pátria não esquecida

Nos últimos anos em decorrência da crise política e social que perdura na Venezuela, comandada pelo governo do então presidente Nicolás Maduro, nos deparamos com um movimento atípico de imigração para nosso país. O cidadão venezuelano abdica de continuar a viver em sua pátria por motivos de sobrevivência e assim obriga-se a sair desesperadamente em busca de um lugar melhor para viver. Muitas vezes, essa jornada nada fácil não depende somente de desprender-se do pouco que resta de bens materiais mas também do que mais importa para o homem, seus vínculos familiares que por consequência ficarão para trás.

Diáspora nos faz pensar sobre deslocamento forçado de pessoas, porém Bolaños (2010, p.170) amplia o conceito do termo, citando Atvar Brah, dizendo que “este não é apenas um processo de migração eterna ou trans histórica, mas também a possibilidade de uma formação diversa que se espalha por diferentes lugares e vai além das fronteiras geográficas, culturais e

psíquicas criando comunidades imaginadas". Apesar de o termo diáspora lembrar trauma e separação comum em um processo migratório também significa esperança e recomeço.

No mês de setembro de 2018, após saber através dos noticiários da chegada de um grupo de aproximadamente 125 pessoas vindas da Venezuela, resolvi então entrar em contato com a Secretaria de Cidadania e Assistência Social da cidade de Esteio, para me inteirar se haveria a possibilidade de conseguir uma entrevista com alguma dessas pessoas.

O objetivo principal desta matéria é promover uma reflexão ao leitor sobre esse processo migratório dos venezuelanos e como eles fazem para preservar suas memórias através do tempo.

A autorização para uma entrevista não depende apenas da Secretaria Municipal de Cidadania e Desenvolvimento Social da cidade de Esteio-RS, mas sim da ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), uma agência da Organização das Nações Unidas que atua em parceria com os governos federal, estaduais e municipais. Tal agência tem como objetivo principal proteger os refugiados promovendo soluções duradoras no processo de interiorização com a comunidade receptora. Esses imigrantes até o presente momento são amparados por leis brasileiras de imigração que conferem a eles o direito à documentação necessária para que possam estudar e até mesmo trabalhar em nosso país.

Chegado o dia da entrevista, fui recebido pelos assessores da então secretaria de cidadania Tatiana Tanara e encaminhado a uma sala previamente reservada, ali me apresentaram então um rapaz com traços físicos tipicamente venezuelanos, chamado Marcos Daniel Carrasquel.

Meu entrevistado é natural de Ciu-

dad Bolivar (capital do estado de Bolivar), formado em Direito, trabalhava em um órgão do governamental, mas após presenciar diversos atos de corrupção internos, resolveu então denunciá-los ao preço de ter que deixar o seu país. Viajou então cerca de 12 horas até a fronteira do Brasil com a Venezuela, no município de Pacaraima no estado de Roraima, ficando

no abrigo até conseguir o status de refugiado. Depois disso conseguiu ser selecionado para vir para a cidade de Esteio onde havia um projeto de interiorização para imigrantes.

Após sua chegada na cidade lhe foi conferida a liderança do abrigo masculino, tal cargo teria a responsabilidade de monitorar a organização, respeito e a boa convivência entre todos. Segundo Marcos, para exercer liderança ele segue a seguinte premissa, "só se exige do outro o que você pode entregar, não

Marcos Daniel denunciou diversos atos de corrupção do governo e teve de deixar o país como ônus de seus atos.

**O entrevistado
Marcos Daniel
Carrasquel**



Na primeira foto da esquerda para a direita: Marcos, a mãe e uma irmã. Na segunda foto, Marcos e os companheiros de avião.



é sendo autoritário que você vai conseguir unir um grupo em prol do bem comum!”.

A fotografia serve como gatilho na ativação da memória, tornando-se importante no processo de rememoração

Pergunto como ele preservaria as lembranças de sua família nos momentos de saudade, então me diz que tem algumas fotos em seu celular. Sabemos que a fotografia serve como um gatilho que ativa nos-

sa memória sendo assim importante no processo individual de rememoração dos indivíduos.

A memória está intimamente vinculada à identidade de uma pessoa e ao pertencimento de um grupo social, segundo Candau (2012, p.132) “sem memória o

sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas.”

No decorrer da nossa conversa Marcos se referiu a sua mãe com nítida tristeza, pelo fato de ela ter sua saúde debilitada no momento em que ele decidiu seguir para o Brasil, já que trilharia um caminho cheio de incertezas na busca de uma nova vida longe de seus familiares. O entrevistado justifica seu relato sobre o estado de saúde de sua mãe mostrando uma foto em que estava junto dela e me disse que nesse dia ela tinha sido levada ao médico por conta de um aumento de pressão.

Em outro importante registro fotográfico que Marcos me apresenta, se encontra dentro do avião da força aérea brasileira no dia em que ele e todos os outros imigrantes viriam para o Rio Grande do Sul. Abraçado em dois companheiros questiono sobre aquele momento, então com os olhos marejados desabafa: “ali naquele momento eu estava deixando para trás todo sofrimento, da odisseia da minha cidade até Boa Vista e também pela situação degradante que

todos os imigrantes Venezuelanos passam nos abrigos de refugiados” e complementa afirmando que “estar dentro daquele avião significava o renascimento um novo rumo e uma esperança de dias melhores”.

Depois de ouvir as narrativas memoriais do entrevistado, é impossível não sentir um estranhamento em relação à situação dessas pessoas, que de certa forma, mesmo que indiretamente fazem parte do nosso cotidiano. Deveríamos refletir sobre: por quais motivos os venezuelanos deixariam sua terra natal? Certamente por muitos estarem vivendo sem mínimas condições sócio-econômicas e amedrontados sob um regime autoritário por parte de seu governante. É necessário que todos nós acolhamos esses novos residentes, que buscam em nosso país novas oportunidades para suas vidas. Por quanto tempo ainda não sabemos, quem sabe até o momento que se restabeleça a democracia na Venezuela.

Para finalizar essa conversa informal com Marcos, pergunto-lhe sobre um possí-

vel retorno a sua terra natal, é nesse momento que sua resposta me deixa um tanto quanto surpreso: “Quero voltar sim, pois deixei pessoas que amo para trás e meu país vai precisar de todos para voltar a ser um lugar melhor para se viver”.

Bibliografia:

BOLAÑOS, Aimé G: Diáspora. IN: Bernd Z. Dicionário das Mobilidades Culturais: percursos americanos. Porto Alegre: Litteralis, 2010. p: 170.

CANDAU, J. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2012. p: 132.

AUTOR:

MARCELO SILVEIRA



Bacharel em Turismo e aluno dos PPGs Lato Sensu Gestão de Pessoas e Stricto Sensu Mestrado em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.



**Paisagem
venezuelana**



Paraty: entre ciclos e lugares

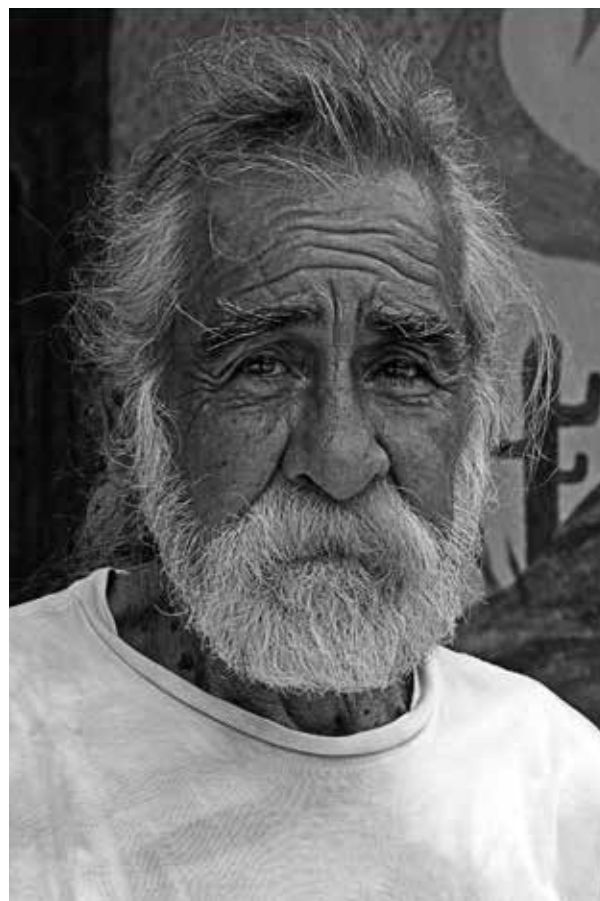
Em setembro de 2018 fui ao município de Paraty, no Rio de Janeiro, com um propósito: chegar até o caiçara, um estereótipo do sujeito “mais nativo” que compõe, desde o século XIX, a comunidade paratiense. E a partir do material fotográfico produzido na ocasião, percebi que é possível pesquisar Paraty por diversos prismas. A preservação de sua cultura e principalmente do seu patrimônio material e imaterial, onde o estrangeiro tem contato com o modo de vida dos paratienses, fazendo surgir novos discursos e diferentes sujeitos. As suas artes, os seus estilos de vida – a gastronomia, a música – enfim, a atmosfera dos seus patrimônios materiais e imateriais é de uma cultura em movimento. Desde os anos 1970 e após a construção da BR-101, no mesmo período, muitos migrantes chegam à cidade, o que faz alterar o seu perfil social e econômico. Em contraponto a tantas belezas, percebe-se, pelos diálogos presenciados em restaurantes, cafés, pousadas, que o nativo / o sujeito paratiense, cada vez mora/vive mais longe do Centro Histórico, para “além das correntes” que dividem o Centro Histórico do restante da

cidade, onde o natural nos dias de hoje é cruzar com argentinos, franceses, italianos, holandeses, não apenas na condição de turistas, mas como proprietários dos estabelecimentos comerciais e residenciais. Sinalizado por profusos significados, o entre-lugar é enaltecido pelos realinhamentos globais e pelos movimentos ideológicos iniciados nos anos oitenta, quando a desmistificação dos imperialismos apresenta-se de imediato. Hoje, graças a estas misturas, o caiçara já é um outro sujeito, pois tem caiçara de pele clara, olhos azuis, olhos verdes.

Os conceitos do entre-lugar ou do espaço intersticial tornam-se principalmente férteis para desenhar as fronteiras borradas entre o Centro Histórico, bairros e distritos de Paraty, cidade fundada no século XVI, reduto de índios Guaianás, que vivenciaram ciclos de apogeu e um longo isolamento. Uma cidade de beleza peculiar, considerada pela UNESCO o conjunto arquitetônico colonial mais harmonioso do país, e que encontra-se desde os anos 90 no processo de buscar o título de Patrimônio Mundial da Humanidade. Neste contexto, se durante os ciclos do ouro, do café e da cana (que também servia de moeda de troca por escravos na África) as fronteiras entre o Centro Histórico, os bairros e os distritos eram borradas, nos meados da consolidação do novo ciclo - o do turismo - as suas fronteiras ganham correntes, fazendo de Paraty um espaço de trocas e mudanças, movimento, para alguns dos seus sujeitos um terceiro ou espaço novo, intersticial, uma formação de entre-lugares.

Chegando ao distrito de Trindade, com o objetivo de conversar e documentar um caiçara no seu ofício, após uma breve caminhada com o sol a pino, encontrei em uma esquina, sentado em um bar, o Sr. Hugo. O seu olhar era fixo para o horizonte, como se observasse o mar, o vento. O seu rosto, a sua pele marcada pelo sol e pelo tempo, aquele semblante típico de um homem do mar que trabalhou a vida toda de sol a sol, me levou a pensar: encontrei, eis aqui, um “legítimo” caiçara.

Parei, cumprimentei o Sr. Hugo, com um aperto de mão, balbuciei algo sobre o sol, o calor, me apresentei, falei que era nascido no Caboclo, mas que moro no Sul, já há algumas



**Senhor Hugo.
Um caiçara.
Foto: Fernando Pires**

décadas (isto funcionava, abria portas, pois deixava claro que eu não era um estrangeiro). Pedi permissão para retratá-lo e ele de pronto levantou-se, procurando alinhar-se melhor para a câmera. Foi logo

depois do primeiro clique que indaguei: o Senhor nasceu aqui / morou sempre aqui? E para a minha surpresa, com o “sotaque inconfundível” de um caiçara, ele respondeu: “Não!

Sou argentino, nasci em Buenos Aires, fugi em 1966, durante a revolução”. Eu, estupefato, con-

Os conceitos de entre-lugar ou de espaço intersticial tornam-se férteis para se desenhar fronteiras borradas

O caíçara constói sua imagem entre o ser e o ser outro, entre o explicado e o destruído, entre o ser constituído mas não o ser explicado

templava a forma como ele ficou ali em pé por minutos narrando a sua vinda para o Brasil, e parecia que todo o longo processo tivesse

acontecido ontem: “Lembro que estive um tempo em Porto Alegre, mas logo vim para o Rio de Janeiro e finalmente, Paraty”. Para explicar o Senhor Hugo, em seu terceiro espaço ou espaço intersticial, de forma antropológica, eu preciso desconstruir a imagem atual que eu tenho

dele, como “legítimo caíçara” e falar/escrever algo sobre ele, que não mais o representa. Para construir a sua imagem entre o ser e o ser outro, entre o ser explicado e o destruído, entre o ser constituído, mas não o ser explicado caíçara. É como afirma o brasileiro Silviano Santiago: ou bem nos explicamos, ou bem nos constituímos.

Em Trindade há muitas praias paradisí-

acas, por isto costuma receber em um dia de verão uma média de quinze mil turistas. O sol estava mais forte, e à procura de uma sombra e um local para almoçar, olhei para os muitos restaurantes que havia em nossa volta e optei por entrar em A Cabana. Era o mais aconchegante, arejado, não tinha um layout de restaurante gourmet. A própria chef nos atendeu e depois, curiosa, veio perguntar como estava o prato. Nas suas primeiras palavras, já havia percebido um sotaque. Então perguntei: há quanto tempo você está em Paraty? Prontamente ela respondeu: faz cinco anos que saí da Argentina. A garçonete que prosseguiu nos atendendo, também argentina, havia chegado há dois meses.

Assim como o Sr Hugo, a chef e a atendente, argentinos que encontrei em Trindade, estrangeiros que vêm para somar e acabam fazendo uma grande diferença, seja na pesca, na gastronomia ou como agentes culturais e sociais para a cidade, como é o caso do fotógrafo italiano, Giancarlo Mecarelli, responsável pelo Festival Internacional de Fotografia: Paraty Em Foco. De acordo com a Secretária de Cultura, a Sra. Cristina Maseda, em um período aproximado de cinquenta anos a população quase triplicou, ou seja, percebe-se que “todos querem vir morar em Paraty”, e de preferência no Centro Histórico. Mas há exceções, como me mostraram aqueles simpáticos estrangeiros que encontrei em Trindade. De qualquer forma, ambos rom-



O italiano,
Giancarlo Mecarelli
Foto: Fernando Pires



Itemberg, um caçara da Praia do Sono. Foto: Fernando Pires

peram fronteiras e com o realismo de um território fazem da cultura híbrida de Paraty um caminho de outras possibilidades.

No último dia, após o evento, indo repousar, encontro pelo caminho, na calçada dos fundos da Igreja da Matriz, o jovem Itemberg, um caçara da Praia do Sono, filho de pescador, que nas noites de maior movimento vem para o Centro Histórico vender o artesanato típico da sua cultura: barcos e balões. Bem, na verdade, os balões feitos com porongo, foi o pedido pontual de uma comerciante local, para um evento ocorrido anos atrás, e deu tão certo, confessa ele, que foram agregados a sua produção os balões individuais em três tamanhos ou em formato de móbile.

À noite, retornando para a Casa do Dharma, onde havia alugado um quarto pelo Airbnb, conheci Agustina, a minha anfitriã, também argentina. No final da minha jornada, contemplando todas as histórias dos sujeitos que conheci, a que mais me marcou foi a do senhor Hugo, um testemunho da heterogeneidade das culturas nacionais no contexto das Américas. Em um primeiro momento, meu olhar estereotipou, mas trata-se de um sujeito / estrangeiro ajustado, reorganizado, onde a sua vida hoje, tem um novo sentido, vivenciando um entre-lugar ou,

segundo H.K. Bhabha, um espaço novo, intersticial. O seu corpo, mente e coração, vivem uma vida, que tem um novo sentido e que não é originalmente a sua, pois a sua, de argentino, não mais lhe pertence.

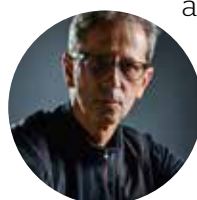
REFERÊNCIAS:

HANCIAU, Nubia Jacques. Entre-lugar in FIGUEIREDO, Eurídice (org.). Conceitos de literatura e Cultura. 2 ed., Niterói: EDUFF, Juiz de Fora: EDUFJF, 2012.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

AUTOR:

PAULO FERNANDO PIRES DA SILVA



aluno do Curso de Doutorado em Memória Social e Bens Culturais (Universidade LaSalle). Mestre em Educação (ULBRA), Especializado em Arte Contemporânea e Ensino da Arte (ULBRA) e em Criação e Produção de Narrativas Multimídia: foto, vídeo e som (ESPM). Graduado em Fotografia (ULBRA). Natural de Paraty / RJ. Fotógrafo Profissional e professor de fotografia.

o discurso do professor e do aluno

A fim de conquistar os alunos para a melhoria da aprendizagem está em desenvolvimento uma experiência com Musicalização Infantil, em atividades desenvolvidas durante o primeiro e segundo semestre de 2019, e as contribuições para aprimoramento nos discursos existentes entre os professores da Escola Municipal de Educação Básica Trindade e os alunos da comunidade Vila Pedreira em Esteio (RS). (...) Aleida Assmann afirma que “um ambiente externo incita e desafia a memória, e por ele se certifica de si mesma” (ASSMANN, 2011, p. 176), o que pode ser vivenciado através das atividades desenvolvidas nas turmas da referida instituição, tais como: experiência de familiarização com instrumentos musicais, experiência sensorial, experiência sonora e construção de instrumentos musicais a partir de materiais reciclados e ressignificados.

A proposta é, a partir das oficinas de musicalização infantil, procurar identificar, refletir e melhor entender os saberes construídos e mediados por educadores que atuam junto à Escola Municipal de Educação Básica Trindade, através dos seus discursos. Freire por sua vez, afirma:



O processo de composição de um discurso escrito implica um apoio conversacional, o que se pretende explicar na concepção de interatividade. Fala-se do 'diálogo' ou discurso oral como um dos procedimentos de interatividade entre os sujeitos e como fonte de construção de sentido(s) ou de conhecimentos pela ação conjunta identificada na fala e entre outros 'agentes educativos' (FREIRE, 1967, 1970).

Inspirado nas leituras do escritor moçambicano Mia Couto, percebi que havia algo em comum com a escola na Vila Pedreira: a apropriação pelo grupo do seu próprio território, aproveitando o realismo fantástico e a sua escrita alegórica para permitir construções pessoais, como o uso de figuras de linguagem e elementos da narrativa pelos alunos. Assim, para o autor, "[...] um futuro civilizado passa por grandes e radicais mudanças neste mundo que poderia ser mais nosso" (COUTO, 2011, p. 24).

Os lugares sejam eles a casa, a escola, a rua, o pátio, para as brincadeiras são sempre espaços sagrados. "[...] Quando nasceu a agricultura, ganhamos o sentido do lugar. A partir de então, fomos dando nomes aos sítios, adocicamos o chão. Entre a paisagem e a humanidade criaram-se laços de parentesco. A terra divinizou-se, tornou-se mãe" (COUTO, 2011, p. 73). Passamos a dispor de uma raiz, de um chão perene, "de um ventre". Nossa casa, nossa terra.

Depois da casa, vem a rua, a aldeia, a escola. "[...] A cidade é um cordão umbilical que criamos depois de nascermos" (COUTO, 2005, p. 150). É nelas que vivemos e aprendemos a sonhar. A escola é a segunda experiência de cidade de uma criança, a escola é também uma casa, um oikos ampliado, uma pequena aldeia. Cheia de línguas, de linguagens. Uma casa-escola para as crianças pequenas não pode reproduzir uma casa-moradia, mas pode compor ou oferecer às crianças uma experiência primeira de infância. A escola oferece paisagens, cenários para as crianças atuarem e viverem as suas infâncias.

O cuidado, o acolhimento das crianças pela escola não é apenas deixá-las entrar num ambiente físico. É confiar, convidar, aceitar, desafiar, observar como elas vivem os tempos de seus cotidianos, como brincam. É estar com elas. Considerar suas interrogações e seus sonhos.

Conviver com as crianças torna possível perceber as relações que elas estabelecem – com o mundo e com os outros – e os pensamentos presentes nessas ações e relações. A função educadora dos adultos para com as crianças é potencializar a vontade e a capacidade de aprender, de criar sentidos, e juntos constituírem a realidade mundana das coisas e das relações entre as pessoas. Acolher uma criança é também acolher sua experiência de infância, suas expectativas, seus planos e suas hipóteses, seus sonhos e suas ilusões. As crianças emitem sinais importantes para os adultos. Sinais que os adultos podem aprender a ler porque permitem saber a melhor forma de agir ao apontarem como enriquecer em complexidade e amplitude as experiências das crianças (STACCIOLI, 2013).

Barbosa e Richter (2015) afirmam que na contemporaneidade, a educação escolar enfrenta o impasse da exigência de responder quantitativamente à sociedade nos aspectos materiais de seus conteúdos padronizados e objetivos planificados a partir de escores. Porém, concordamos com Mia Couto que discorre que "[...] um dos problemas do nosso tempo é que perdemos a capacidade de fazermos as perguntas que são importantes. A escola nos ensinou apenas a dar respostas, a vida nos aconselha a que fiquemos quietos e calados" (COUTO, 2011, p. 84).

Penso que, provavelmente, uma saída viável seja continuar o difícil e longo caminho de conquistar um lugar digno para nós, adultos e crianças, e esse "só pode resultar da nossa própria criação" e dos diálogos ou conversas que possamos empreender (COUTO, 2005, p. 22). Entretanto, como Mia Couto mesmo afirma, na

As crianças emitem sinais que os adultos podem aprender a ler no intuito de oferecer soluções para estes sinais de dúvida que elas mostram

Oficina de musicalização. Fotos: Ronaldo Silva Lopes.



sociedade contemporânea “[...] nunca houve tanta estrada. E nunca nos visitamos tão pouco” (COUTO, 2011, p. 14). Nunca conversamos tão pouco. Ou seja, cada vez estamos menos disponíveis, cada vez permanecemos mais fechados ao diálogo.

Os momentos vividos nas oficinas de musicalização trazem em si não somente a oportunidade

de vivenciar experiências ligadas diretamente ao tema, cuja importância se revela além do que musicalmente se possa dimensionar. São infinitamente significativas as falas, os sentimentos que se revelam através das reações ao que é criado e ao que

se ouve, as leituras de mundo que se desnudam através do ouvir ou do produzir sons, enfim, o diálogo que se estabelece naquele momento de trocas e de aprendizagens.

Constituindo assim, experiências ricas em significados pedagógicos. Desde o desenvolvimento da capacidade criativa a partir de materiais que estão muito próximos da realidade cotidiana das crianças, e que não demandam investimento financeiro, passando pelo desenvolvimento de habilidades, até a competência para extrair do instrumento os mais variados e agradáveis sons.

Num mundo onde “há tantas estradas”, a musicalização é o encontro oportunizado para que se efetivem diálogos de profunda importância, que permitam o olhar àqueles que fazem tantas perguntas por sua curiosidade inerente às suas faixas etárias, mas que necessitam de respostas só suas, que podem surgir através de sua própria experimentação e vínculo com o seu mais escondido existir.

O diálogo aqui revelado insere nele mesmo diferentes olhares, pois o educador, enquanto sujeito desta relação, precisa ouvir através de diferentes sentidos, trazendo na sua resposta indi-

Desde que desenvolvem a capacidade criativa, as crianças passam a trazer habilidades de manusear os sons dos instrumentos

cadadores, direções, mediações e jamais respostas prontas no intuito de interferir nas descobertas dos que podem, sim, aprender nesta relação.

O educando circula sua atividade de aprendizagem entre aquilo que se esgota no cognitivo e aquilo que traz ferramentas para lidar com seus questionamentos, ou seja, é possível extrair respostas para suas indagações pelo que se vive, simplesmente, através da musicalização, de onde se vê o sentido das funções corporais e da corporeidade, da visão do seu lugar no mundo.

Conforme Oliveira (2005), entre outros sentidos possíveis de serem construídos a partir da análise das marcas constituintes do discurso, como se expôs na introdução deste artigo, teve-se a intenção de contribuir à reflexão teórica que nutre a prática discursiva das salas de aula, a qual assumirá matizes específicos em cada situação onde se produza o discurso docente no processo de formação deste profissional em educação nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Para finalizar, percebeu-se que o elo estabelecido entre o discurso do professor e do aluno tende a melhorar com a música. E, por sua vez, a música aproxima a escola da comunidade onde está inserida. Todos crescem, todos convivem e sentem-se participantes e integrados na sua comunidade escolar. A escola é o elo com a comunidade.

REFERÊNCIAS:

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BARBOSA, M.C.S.; RICHTER, S.R.S. Mia Couto e a educação de crianças pequenas: Alteridade, arte e infância. In: Revista Eletrônica

de Educação. São Carlos (SP), v.9, n. 2, p. 485-518, quadrimestral. 2015. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br>>

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

COUTO, Mia. Pensatempos: textos de opinião. Lisboa: Editorial Caminhos, 2005.

COUTO, Mia. E se Obama fosse africano? e outras interinvenções. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREIRE, Paulo. Educação com prática de Liberdade. São Paulo: Paz e Terra. 1967.

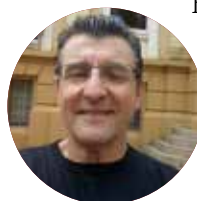
FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra. 1970.

OLIVEIRA, C. O discurso dos alunos e do professor - um vínculo comunicativo entre a comunidade e a escola. In: Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. V.3, n. 4, março de 2005.

STACIOLI, Gianfranco. Diário do acolhimento na escola da infância. Campinas: Autores Associados, 2013.



AUTOR: RONALDO SILVA LOPES



Bacharel em Psicologia e Mestrando no PPG Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle Canoas (RS). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Comunitária e Social. Desenvolveu projeto de reinserção social de usuários do serviço em saúde mental no município de Canoas (RS).





trajetórias narrativas: olhares sobre a mobilidade em contos de Saramago e Machado

Tive uma infância pobre e desprovida de livros, mas também tive uma avó que, apesar de analfabeta, possuía uma imaginação que ultrapassava as fronteiras do verossímil e invadia o universo do fantástico. Recordo com carinho (e certo receio) das histórias de assombração que ela contava e de como aqueles seres imaginários foram importantes para o meu crescimento e ainda perambulam em minha memória até hoje. As histórias com as quais cresci ajudaram a formar minha identidade e influenciaram minha escolha por trabalhar com narrativas, afinal, como dizia minha avó, as melhores histórias ainda estão por serem contadas.

O tempo passou, e a menina que ouvia histórias, encantada com o universo literário, resolveu ouvir outras narrativas, as de jovens em sala de aula, dando lugar, assim, à professora de português e à mediadora de leitura. Foi assim que, nessa busca constante por novas histórias, tive o prazer de visitar a exposição “Os pontos e a vista”, que apresenta, de forma interativa e con-

temporânea, a trajetória de vida e as obras de José Saramago, o maior ícone da literatura de língua portuguesa, esteve disponível ao público nos últimos meses no Farol Santander, em Porto Alegre. Nesta ocasião, carreguei comigo a memória de minha já falecida avó, que tantas histórias me havia contado e, diante do universo fantástico criado pelo escritor português, que se descortinara diante de meus olhos, revivi o prazer da literatura, as inúmeras possibilidades de adentrar em mundos singulares e possíveis, porque na literatura de Saramago, absolutamente tudo é possível, momento em que a professora de português, a leitora voraz e a mulher, neta de uma grande contadora de histórias se mesclaram em muitos momentos de encantamento poético, artístico, político, social e, acima de tudo, humano. Momentos estes que só a expressão artística, em suas múltiplas faces, pode proporcionar.

Na exposição são apresentados vários itens, muitos dos quais são do arquivo pessoal da família do escritor, tendo sido utilizados, inclusive por ele, como os óculos e a máquina de escrever, onde deu vida a tantos personagens que se perpetuaram em nossa memória. Os elementos concretos convivem em perfeita harmonia em um ambiente híbrido, em que imagens da vida do autor são exibidas sobre objetos, como a cama, por exemplo, ao mesmo tempo em que ouvimos a própria voz do Saramago, que nos conduz a uma viagem literária exterior, mas que nos toca profundamente, uma vez que é como se fizéssemos parte de sua mente, enxergando o mundo sob a sua perspectiva, ao mesmo tempo em que embarcamos numa aventura interior, em que somos capazes de olhar a nossa própria trajetória através dos olhos do autor.

Dentre os muitos espaços em que a história de Saramago é contada por ele mesmo e se funde com a sua arte, o que, para mim foi mais significativo, sem dúvidas, foi a mala de viagem em que eram projetadas diversas imagens sobre a sua vida. Essa preferência se deve, primeiramente ao fato de representar perfeitamente o espírito errante do escritor português, pois é como se a sua vida estivesse eternamente em

deslocamento, sempre pronta para viajar, por isso está dentro da mala. Também o objeto em questão, simbolizando a nossa memória ou o lugar onde guardamos o que nos é precioso e indispensável para a nossa trajetória de vida. Segundo, por representar o desejo de desbravar um mundo novo, através da possibilidade da viagem, tão característico da figura mítica do português (e também do brasileiro) viajante, que precisa sair do lugar onde está para encontrar-se.

As melhores histórias ainda estão por serem contadas

O título da exposição, “Os pontos e a vista”, possibilita inúmeras interpretações. De forma mais literal, podemos pensar nos “pontos” como momentos importantes da vida do escritor, segundo a sua própria visão, percepção sobre si mesmo. Mas, como se trata de Saramago, permitir-me-ei embarcar nesta viagem também, que é a sua narrativa pessoal e profissional. Dessa forma, considerando a constante transitividade da trajetória de Saramago, os “pontos” poderiam ser objetivos ou lugares a serem vislumbrados na “vista”, que observava nas viagens, bem como tudo aquilo que a “nossa vista”, enquanto leitores de sua obra e experimentadores dessa belíssima exposição, alcança, enxerga, compreende sobre os diversos “pontos” possíveis e imaginados.

Para Pierre Ouellet (2005), “o ser humano vive em deslocamento” (apud OLIVIERI-GODET, 2010, p. 192), o que, pensando na vida de Saramago, se encaixa perfeitamente, não somente do ponto de vista pessoal, mas principalmente literário, uma vez que, na sua escrita, há presença constante de mobilidade física e cultural, o que fica evidente em várias de suas obras.

Segundo Rita Olivieri-Godet (2010, p. 189), “as figuras da errância na literatura exploram diversos aspectos, mas têm em comum a ideia de deslocamento físico ou mental voluntário ou involuntário”. Podemos exemplificar essa afirmação de Olivieri-Godet através da obra “As



intermitências da Morte”, de José Saramago, em que, devido à resolução da Morte de não mais se fazer presente no país-cenário da narrativa, im-

possibilitando que os habitantes morressem, num primeiro momento, causa euforia, entretanto, com o passar do tempo, acabam lutando pelo

direito de morrer. Esse fato leva muitos moradores a fugirem do país e cruzar a fronteira de forma clandestina, deslocando-se com seus familiares moribundos para atingir seu objetivo de adentrar em outro país, onde a Morte ainda existe, ocasionando, assim, um processo migratório naquela região. Dessa forma, percebemos o quanto o autor é contemporâneo, visto os movimentos migratórios atuais.

Exatos 138 anos antes da exposição de Saramago em Porto Alegre, era publicado no Rio de Janeiro, por outro ícone da literatura de língua portuguesa, Machado de Assis, um conto

clássico da literatura brasileira, *O Alienista*.

No contexto social contemporâneo, a re-visitação a obras de autores clássicos configura-se como possibilidades de (re) conhecimento da sociedade a qual pertencemos, na busca por compreender o seu funcionamento e, a partir da perspectiva da alteridade, reconhecer-se através da relação social que estabelecemos com o outro, enquanto seres singulares num ambiente de interação coletiva.

Partindo dessa premissa, *O Alienista* se faz extremamente atual, visto que, embora apresente personificações de estereótipos sociais, a começar pelo protagonista, o Dr. Simão Bacamarte, “o maior de todos os médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas, que representa o cientificismo da época, transcende o universo literário ao traçar, de forma irônica, através da simbologia de fatos e personagens da pequena Itaguaí, um panorama da sociedade urbana brasileira, do século XVIII, mas que perdura ainda no século XXI.

Pollak (1992) já afirmava que a memória é constituída por personagens, acontecimentos e lugares. A essa afirmação podemos relacionar também a construção da narrativa, agregando o

Na literatura de Saramago, absolutamente tudo é possível

elemento da problemática, que desencadeia os acontecimentos próprios do enredo. Dessa forma, tendo como temática principal a loucura, a obra de Machado consegue também construir memórias, na medida em que elabora personagens que representam atores reais da sociedade, como o barbeiro Porfírio, homem pobre, que encabeça a Revolta dos Canjicas, movimento popular de oposição à Casa Verde e ao Dr. Bacamarte, busca o reconhecimento alheio através do poder, entretanto, quando o consegue, vislumbra-se tanto, que, não sabendo lidar com o seu objeto de busca e acaba por voltar à sua condição anterior. Dona Evarista, esposa de Dr. Bacamarte, também constitui-se como uma personificação importante da mulher que se sente trocada pelo trabalho do marido, chegando a mencionar que ele tinha a ciência como amante, sua busca gira em torno da gravidez que acaba não acontecendo, na tentativa do reconhecimento do médico para ela enquanto mulher. Se pensarmos no momento atual vivido pela sociedade a qual estamos inseridos, em que muitos pais delegam para terceiros a educação e o cuidado com os filhos em nome do trabalho ou do uso excessivo das tecnologias, novamente percebemos a atualidade do discurso de Machado.

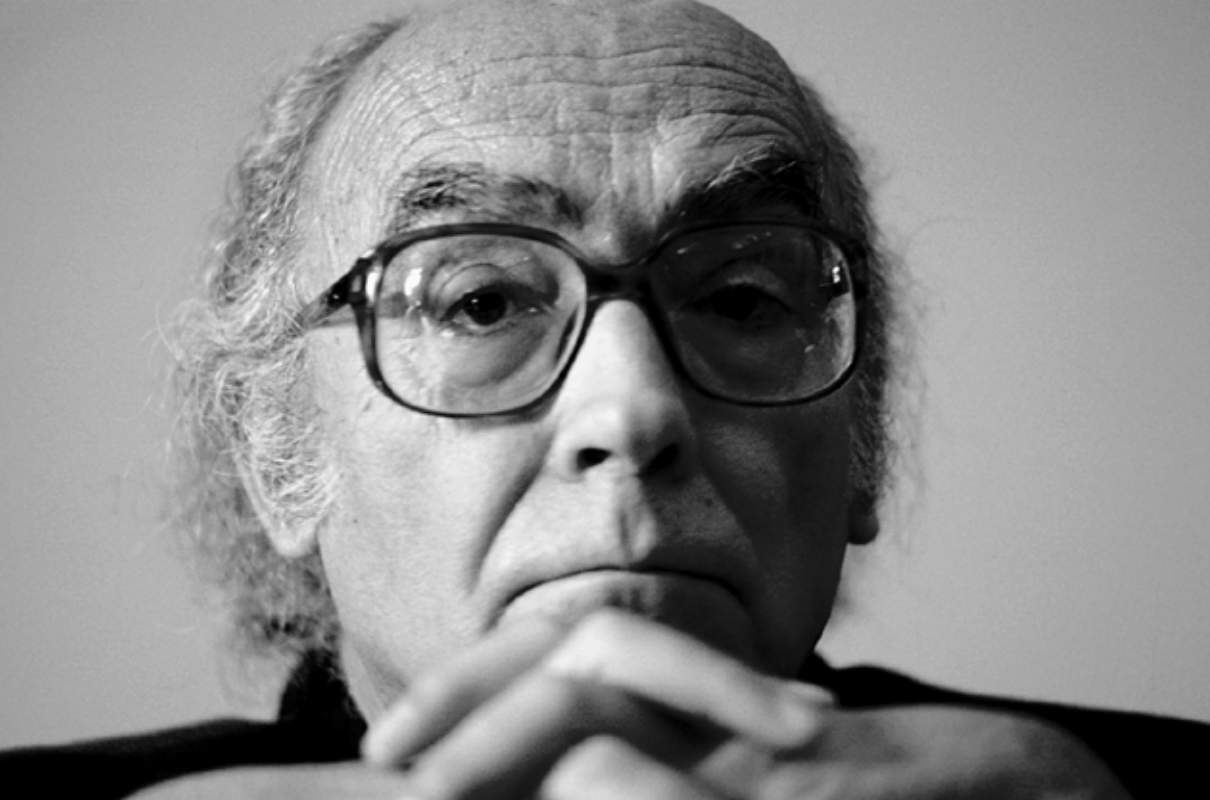
Os espaços presentes na narrativa também contêm significações importantes, como a Casa Verde, cenário principal da trama, local absurdamente grande para a cidade e para o propósito, tendo inclusive ganhado um anexo, onde os loucos eram internados para tratamento com o Dr. Simão, acabou desencadeando, num primeiro momento, euforia da população, visto que tratava-se de um empreendimento de ponta, bem como revolta da mesma população, ao considerar excessivos os julgamentos do médico ao encarcerar quase toda a cidade. A barbearia do Porfírio, onde a Revolta dos Canjicas fora planejada também se torna palco importante do enredo, quase agindo como um sindicato, ou ainda um partido político de oposição à Casa Verde, uma vez que a Câmara de Vereadores, outro local icônico, deixava-se persuadir pelos discursos extremamente argumentados, baseados na ciência e cheios de retórica do Dr. Bacamarte. Novamente, perce-

bemos as semelhanças com o sistema político atual, afinal, de fato, ninguém pensava na população, somente em seus interesses próprios, mesmo o médico, que, com o pretexto de buscar o bem comum através da cura de seus pacientes, acaba mesmo por manter-se fiel ao seu objeto de busca, a ciência, e para isso não mediu esforços, chegando a sacrificar a si mesmo ao encarcerar-se na Casa Verde, para estudar a si próprio, onde veio a morrer em 17 meses. Evidentemente que a essa altura da narrativa (ou desde o início), o médico já demonstrava, através da fantástica escrita de Machado, dúvida quanto à sua própria sanidade, evidenciando a dicotomia que permeia toda a narrativa loucura x sanidade, afinal, até hoje nos perguntamos o que é de fato a loucura, diante de uma sociedade tão diversificada? Existe realmente uma linha que separa essas conceituações, ou ainda estaríamos nós, sociedade 4.0 engatinhando na busca pela compreensão da mente humana?

Dessa forma, podemos pensar *O Alienista* como uma obra que aborda, através de suas múltiplas temáticas, a busca pela identidade, a partir da construção da memória coletiva de personagens, espaços e

acontecimentos, dentro de um contexto histórico e narrativo específico do Segundo Império no Brasil, mas que aproxima-se dos dias atuais, uma vez que nos constituímos enquanto seres individuais a partir dos aspectos coletivos da sociedade a qual pertencemos e interagimos, em que a busca por nos compreendermos enquanto seres pertencentes a um determinado grupo e espaço, sem, entretanto, perder a nossa individualidade é a mesma do ser humano de todos os tempos, compreender quem somos, qual é a nossa identidade, aquilo que (re) construímos constantemente e que nos torna únicos num ambiente coletivo.

Somos capazes de olhar a nossa própria trajetória através dos olhos do autor



**Existe
realmente
uma linha que
separa essas
conceituações,
ou ainda
estariamos nós,
sociedade 4.0,
engatinhando
na busca pela
compreensão
da mente
humana?**

Nessa busca incessante por narrativas que contribuam para a compreensão do EU,

descobri no conto da Ilha Desconhecida, lançado por Saramago em 1997, cujo protagonista não possui nome, sendo denominado inicialmente como “o homem que queria um barco”, passando por nuances verbais, como “o homem que teria um barco” e “o homem que tinha um barco” e, após ter argumentado ao rei que precisava de um barco

para ir à procura da ilha desconhecida, diante da pressão popular e sem conseguir contra-argumentar, o rei concede o barco ao homem. Assistindo a todo o desfecho encontrava-se a “mulher da limpeza”, que, aproveitando a oportunidade de trilhar caminhos diferentes em

busca do próprio destino, sai pela “porta das decisões” atrás do homem do barco.

A exemplo da Câmara de Vereadores, apresentada em *O Alienista*, percebemos o sistema político em A Ilha desconhecida representado pela figura do rei, que, para não se indispor diante da população, e, temendo a indisciplina geral que o deixou à beira de chamar a guarda para restabelecer a ordem do local, cede ao pedido do homem, concedendo-lhe um barco, ação esta que resultou em aplausos do público, algo a que os políticos buscam incessantemente em suas trajetórias.

A figura da mulher da limpeza traz à tona uma leveza e uma mobilidade próprias de Saramago, uma vez que a verdadeira ilha a que buscava era um propósito de vida, não perdendo tempo em passar pela “porta das decisões” para buscar a sua ilha desconhecida. Tantos anos a mulher viveu à espera de seu grande objetivo de vida, e soube reconhecê-lo quando o encontrou. É preciso reconhecer as oportunidades, sob pena de sucumbirmos ao automatismo de tarefas sem sentido algum, afinal, “é necessário sair da ilha para ver a ilha”. Saramago nos traz, através da brandura desta personagem, uma esperança de que é possível encontrar a si mesmo nas pequenas, mas verdadeiras ações.

Ao procurar em vão por marinheiros que pudessem embarcar rumo à Ilha desconhecida, o homem se desilude diante de todo o in-

vestimento feito para conseguir um barco que pudesse levá-lo até a Ilha desconhecida, bem como se desilude com a vida como um todo, mas, para sua sorte, a mulher que, a essa altura já se configura como um bote salva-vidas, impede que a frustração do homem acabe de vez com esse sonho, que já é também seu, proporcionando-lhe esperança onde não havia mais sentimento algum além da desilusão.

Ambas as narrativas, mesmo pertencentes a épocas literárias distintas, são bastante atuais, uma vez que a temática da busca da identidade, inerente ao ser humano, se faz presente através de personagens e suas ações, esboçando elementos comuns às sociedades urbanas, visto que há uma articulação dialética entre sujeito e sociedade em que ambos não podem ser compreendidos de forma isolada, mas numa atitude de complementariedade.

É sabido que a educação escolar tradicional carece de práticas que visem resgatar o interesse dos alunos pelo próprio aprendizado, valorizando sua essência individual e coletiva, partindo da perspectiva de que, frente a um universo de tecnologias que se expande cada vez mais, a construção e a conservação do hábito da leitura como passaporte para a cidadania plena faz-se cada vez mais necessária, uma vez que, através da leitura, abrem-se novas oportunidades de (re) conhecer a sociedade a qual

se pertence, para que se possa pensar e agir de forma consciente e crítica. Acredito muito no poder da leitura, principalmente dos clássicos como Machado e Saramago e esse diálogo entre diferentes “olhares” sobre a mesma obra, bem como obras distintas que oportunizem

“É necessário sair da ilha para ver a ilha”

“olhares” similares que se entrecruzam e dialogam o tempo todo, proporciona uma riqueza imensurável do ponto de vista científico, social e humano, uma vez que, além de formar leitores pelo prazer mágico que só a literatura é capaz de proporcionar, ainda é possível utilizá-la como ferramenta social, capaz de transformar mundos.

A escola do futuro (quisera ser já do presente) apostará na desfragmentação das disciplinas da maneira formal como ocorre hoje, pois o conhecimento e o aprendizado transcendem o espaço-tempo de períodos pré-determinados no horário escolar, pois não há como desvincular a história do autor de sua obra, tampouco o contexto histórico em que ela foi escrita, e assim nascem ramificações temáticas proporcionadas pela leitura, e, no mundo híbrido em



que vivemos, o livro, apesar de analógico, ainda é a tecnologia mais rica de que dispomos, uma vez que os universos de possibilidades que se abrem a cada página virada, contam histórias e encantam novos e velhos leitores.

O envolvimento de todos que se permitem aventurar nas páginas de um livro proporciona muito mais do que informação e conhecimento, mas também vivências únicas, além, é claro, de desenvolver habilidades múltiplas na área da linguística, raciocínio lógico, senso crítico e estético, mas, acima de tudo, nos auxilia na busca por nossas próprias “ilhas desconhecidas”, na perspectiva de que buscamos entender quem somos, na tentativa de ressignificar nossas vidas e nosso papel nessa sociedade real/

virtual em que estamos inseridos como seres individuais num ambiente coletivo. Assim como O Alienista, que, em sua busca pela solução da loucura, a sua “ilha desconhecida”, encarcerou quase toda a

cidade de Itaguaí na Casa Verde, observando, testando e buscando métodos de cura para a insanidade, até perceber que a imperfeição é que nos torna únicos, e, portanto, normais, e que o anormal, o que está fora do padrão é justamente estar dentro dos padrões aceitáveis pela sociedade, criados por ela mesma, seja em 1881 ou em 2019. Por fim, ao encarcerar-se a si mesmo para se autoanalisar, acaba decretando que o mais importante que o objeto de busca é a busca em si, pois é ela que nos move, nos impulsiona a buscar cada pequeno pedaço de terra ainda por ser descoberto em nossa trajetória de vida.

Quanto à Ilha desconhecida em si, é preciso

navegar à sua procura, pois é o caminho que proporcionará as maiores descobertas, as mais significativas, basta estarmos dispostos a passar também pela “porta das decisões” para rumar à nossa Ilha desconhecida, onde mora nosso verdadeiro EU, à espera de (re) conhecimento e (re) construção todos os dias no mar aberto da sanidade ou da loucura, porque o comando desse leme só cabe a nós no oceano da vida. Seja nas páginas de um livro concreto ou na imaginação de uma velha contadora de histórias que não sabia ler, é fato que as histórias inventadas, lidas, vividas e recontadas constantemente contribuem para percebermos que a nossa Ilha desconhecida pode realmente existir, se estivermos dispostos a navegar através das trajetórias do olhar sobre a vida e sobre nós mesmos.

Bibliografia:

ASSIS, Machado de. O Alienista. São Paulo: Ática, 2000.

GODET, Rita Olivieri. Errância / migrância / migração. In: BERND, Zilá (org.) Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. Revista Estudos Históricos”, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

SARAMAGO, José. O conto da ilha desconhecida. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. SARAMAGO, José. As intermitências da morte. Lisboa: Caminho, 2005

Os universos de possibilidades que se abrem a cada página virada, contam histórias e encantam novos e velhos leitores

AUTORA: CRISTIANE GOMES



Mestranda em Memória Social e Bens Culturais na Unilasalle, tendo concluído Especialização em Língua, Literatura e Novas Mídias pela ULBRA e Graduação em Letras - Português pela UNISINOS.

Atualmente trabalha como assessora de Projetos, Tecnologias e Inovação na Secretaria Municipal de Educação de Esteio, onde coordena, dentre outros projetos, a FEMUCI (Feira Municipal de Ciências

Saramago: o legado de suas múltiplas mobilidades

"Acho que damos pouca atenção àquilo que efectivamente decide tudo na nossa vida, ao órgão que levamos dentro da cabeça: o cérebro". (José de Sousa Saramago)

Relembrar a trajetória de Saramago no mundo da literatura é também rememorar a conquista da língua portuguesa na academia internacional. O escritor foi o primeiro autor de língua portuguesa a receber o Nobel de Literatura em 1998 e responsável por tornar a prosa em língua portuguesa conhecida no mundo todo. Além de romancista, foi argumentista, teatrólogo, ensaísta, jornalista, dramaturgo, contista e poeta.

Nasceu em 16 de novembro de 1922, na Rua da Lagoa de Azinhaga, em uma família de camponeses. Os seus pais eram José de Sousa, jornaleiro, e Maria da Piedade, doméstica. Em 1924, aos dois anos de idade, muda-se para Lisboa com a família.

José Saramago exerceu diversos trabalhos ao longo de sua vida: foi serralheiro mecânico, auxiliar de serviços administrativos em um hospital de Lisboa, encarregado da contabilidade de uma caixa de previdência, tradutor e editor. Desde que ganhou o primeiro livro, aos 11 anos, se tornou um leitor assíduo, frequentando a Biblioteca





Palácio Galveias, em Lisboa, e se aventurando na escrita de poemas e crônicas. Embora tivesse escrito algumas obras anteriormente, só se assume

Entre a rotina de quem se entregou a um ofício e a agenda de celebridade se deu a vida de Saramago

como escritor depois dos 50 anos. Em 1975, depois de perder o emprego, decide dedicar-se exclusivamente à escrita e à tradução.

Em 1991, desenvolve uma incansável atividade de conferencista, com muitas inter-

venções e reflexões de caráter social e político. Forma-se a imagem de um dos intelectuais de esquerda comprometidos e de maior influência do seu tempo. Em 1993, se muda para Lanzarote. Em 2007, cria a Fundação José Saramago, não somente com o objetivo de promover a conservação, o estudo e o conhecimento da sua obra,

mas também de intervir social e culturalmente e de contribuir para a promoção dos direitos humanos.

A vida de Saramago conciliava a rotina de quem se entregou a um ofício e a agenda de uma celebridade. Enquanto suas obras refletem a preocupação com as injustiças e os desequilíbrios do mundo, sua atuação política permitia que sua visibilidade fosse aproveitada como oportunidade para fazer o mundo um lugar melhor.

“Eu nunca separo o escritor do cidadão. E isto não significa que queira converter a minha obra num panfleto. Significa não escrevo para o ano 2047, mas sim para hoje, para as pessoas que estão vivas. O meu compromisso é com o meu tempo. (Entrevista ao Faro de Vigo, novembro de 1994).

Apesar de “Ensaio sobre a Cegueira” ser um dos romances mais conhecidos de José Saramago, esta não foi a única obra de sucesso do escritor. Saramago foi um dos mais importantes romancistas da sua época. Além de escrever romances, também escreveu peças teatrais, contos, poesias, crônicas e até mesmo obras infantis, sendo um autor versátil e diversificado no campo da literatura, além das diversas flutuações en-

tre os estilos literários presentes nas suas inúmeras obras literárias.

Em Cadernos de Lanzarote, escreve a própria árvore genealógica literária, composta pelos seguintes influências literárias:

- Luís de Camões - porque escrevi no Ano da morte de Ricardo Reis, todos os caminhos portugueses a ele vão dar;
- Padre António Vieira - porque a língua portuguesa nunca foi mais bela que quando ele a escreveu;
- Cervantes - porque sem ele a Península Ibérica seria uma casa sem telhado;
- Montaigne - porque não precisou de Freud para saber quem era;
- Voltaire - porque perdeu as ilusões sobre a humanidade e sobreviveu a isso;
- Raul Brandão - porque demonstrou que não é preciso ser-se gênio para escrever um livro genial, o Húmus;
- Fernando Pessoa - porque a porta onde se chega a ele é a porta por onde se chega a Portugal;
- Kafka - porque provou que o homem é um coleóptero;
- Eça de Queiroz - porque ensinou a ironia aos portugueses;
- Jorge Luis Borges - porque inventou a literatura virtual;
- Gogol - porque contemplou a vida humana e achou-a triste;

Saramago também ganhou notoriedade não só por conta de suas obras, mas também por seus posicionamentos que, muitas vezes, causaram polêmica ao redor do mundo. Ateu criado em uma cultura extremamente cristã, o escritor sempre teve uma forte oposição à Igreja Católica.

A proximidade de Saramago com os livros, além de deixar o legado das suas obras, deixou também seu legado em espaços (centros) de memória e cultura nos lugares mais representativos de sua trajetória pessoal e profissional, reflexo de suas mobilidades no decorrer da vida, seja através das mudanças de cidades e endereços ou dos diversos estilos literários presentes em suas obras.

Para o escritor, no que se refere à montagem

de uma biblioteca pessoal, o método mais interessante seria adquirir histórias da literatura de diversos países e avançar como um desbravador, assim de palavra em palavra, de tema em tema, de proposta em proposta, depois de certo tempo, teríamos na nossa casa a biblioteca universal.

Na sequência, são descritos os principais legados referentes às mobilidades de Saramago. O primeiro espaço de memória e cultura significativo é a casa onde Saramago viveu em Azinhaga. Em 2017, o novo espaço foi inaugurado e pertence atualmente a Fundação José Saramago. As novas instalações além de reproduzir a casa onde o escritor viveu sua infância possui uma biblioteca, uma livraria e um auditório capacitado para receber diversos tipos de atividades culturais.

O segundo espaço de memória e cultura é a Biblioteca Municipal do Palácio Galveias em Lisboa, que era frequentemente visitada à noite pelo escritor, fascinado por livros. Desde que ganhou o primeiro livro, aos 11 anos, se tornou um leitor assíduo, frequentando a Biblioteca Palácio Galveias,

Saramago ganhou notoriedade por suas obras, mas também por suas opiniões

em Lisboa, e se aventurando na escrita de poemas e crônicas. É, nessa Biblioteca, que na década de 40 descobre dentro de um livro, a revista Atheno, dirigida por Fernando Pessoa e Rui Vaz. Ali ele tem acesso aos odes de Ricardo Reis, que passam a ser sua companhia constante.

Em junho de 2018, no top 5 dos livros de ficção mais emprestados na Biblioteca Palácio Galveias, está o próprio Saramago, com o livro O ano da morte de Ricardo Reis, antes leitor e frequentador assíduo; agora, escritor que inclusive dá nome a uma das salas da biblioteca, como se observa na figura abaixo.

O terceiro espaço é a Fundação José Saramago, na Casa dos Bicos, em Lisboa. O prédio original foi construído por ordem de Brás de Al-

buquerque, filho do vice-rei da Índia, Afonso de Albuquerque, em 1523, após uma viagem à Itália, e que teve como modelo o Palácio dos Diamantes, em Ferrara. O emblemático edifício além de abrigar as memórias, obras e objetos do autor, serve como um espaço público de cultura onde acontecem exposições, recitais, conferências, cursos, seminários.

O quarto espaço é a Casa – Biblioteca José Saramago em Lanzarote, Ilhas Canárias, na Espanha. A mudança para Lanzarote representou de certa maneira um protesto contra o cerceamento, sobretudo por ter se fixado em uma ilha vulcânica inóspita. Mesmo isolado o escritor estava sempre informado em relação às injustiças do mundo, consciente das diversas causas sociais. A Casa foi o lugar onde passou a maior parte dos seus últimos 18 anos de vida era definida pelo escritor como “a casa feita de livros.” Após sua morte, foi transformada em museu, onde se pode visitar locais como o estúdio onde foram concebidos os livros “Ensaio sobre a cegueira” ou “Cadernos de Lanzarote”, sua biblioteca e sua coleção de discos.

REFERÊNCIAS

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa - a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1983.

UNCTAD, Relatório de economia criativa 2010:

economia criativa uma, opção de desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2012.

CASTELLS, Manuel. Communication power. New York: Oxford University Press, 2009.

_____. Internet e Sociedade em Rede. In: MORAES, Denis de (org.) Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LEMOS, A; Josgrilberg, F; Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. EdUFBA: Bahia, 2009.

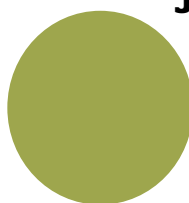
_____. Lévy, P; O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

MANOVICH, Lev. The Language of New Media. MIT Press, 2001. Disponível em: Acesso em 7 abril 2013.

AUTORA:

JAQUELINE TROMBIN



Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela UFRGS, Especialista em educação de Jovens e Adultos pelo PPGEDU/UFRGS e Mestranda em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle.



O poeta Oliveira Silveira como um autor inserido no mundo literário.
Foto: Gazeta de Rosário.



dá-me um barco: a experiência de viver fora de casa

Ao visitar a exposição Os Pontos e a Vista, sobre a vida do escritor português Saramago, no Farol Santander, em Porto Alegre, somos arrebatados e “arrastados” pelas andanças de Saramago pelo mundo. Não por coincidência, as instalações foram minimamente mobiliadas, mas a pouca mobília é bastante significativa para expressar o que a mostra pretende mostrar da vida de Saramago. Caixotes de madeira, malas, máquina de escrever - seu precioso instrumento de trabalho, posteriormente substituído pelo computador, uma armação de óculos à cabeça da cama dos avós (aqui a representação de retornar/de ter para onde voltar). Todas as peças foram cedidas pela Fundação José Saramago para a exposição, que no Brasil percorreu várias capitais. Muitas das instalações chamaram a atenção, sendo as principais a revoada de livros, onde eles planam sobre o amplo hall do átrio central, batem suas asas rumo às fronteiras ilimitadas da imaginação de quem os segue, o globo onde é projetada a imagem de Saramago, e demonstra seus deslocamentos durante sua vida e um táxi onde são projetadas imagens de

estradas que aparentemente não levam a lugar nenhum. De carona com Saramago, percorrendo essas estradas, estradas essas que tratam dos deslocamentos do próprio escritor. De Saramago, só havia lido, há poucos dias, O Conto da Ilha Desconhecida. Com um único livro não se pode dizer conhecer a obra de um autor, mas em algumas instalações ele fez muito sentido.

O nome da exposição, Os Pontos e a Vista e o que foi mostrado, dá a ideia dos deslocamentos de Saramago no decorrer de sua vida. Suas andanças pelo mundo em decorrência, principalmente, depois do recebimento do prêmio Nobel de Literatura. Saramago foi um escritor defensor dos direitos humanos, socialista. Ao mesmo tempo que, em algumas instalações e vídeos, haja a manifestação de voltar ao seu lugar do coração, Lanzarote. E assim declara: "Lanzarote não é minha terra, mas é terra minha". Lanzarote, lugar que escolheu, dentre tantos por onde esteve no mundo, para ser sua ilha, seu regresso.

Em O conto Da Ilha Desconhecida, Saramago nos conta/narra a história de um homem que decidido a encontrar a ilha desconhecida, decide pedir um barco ao rei. Como na casa do rei havia muitas portas, o homem bateu à porta das petições. Entretanto, como o rei passava a maior parte do tempo à porta dos obséquios

(os que ele recebia), ninguém se importava com a porta das petições. O homem decidido, insistiu batendo à porta até que o rei incomodado pediu que alguém fosse ver do que se tratava. E o homem disse que só falaria com o rei e,

que só sairia de lá depois de falar com ele. Passados três dias, a demora do rei, e teimosia do homem causaram desconforto. Afinal o rei nunca atendia a porta das petições, mas o homem era teimoso e estava a causar problemas. O rei então, decidiu atendê-lo. Com o pior dos modos fez

três perguntas: O que ele queria, por que não havia dito logo o que queria e se pensava que o rei não tinha nada mais importante para fazer. Mas só responde a primeira: Dá-me um barco! Para perplexidade do rei, que ficou inicialmente sem ação. O rei, depois de se recuperar da surpresa perguntar porque ele precisava de um barco. E o homem lhe responde que era para ir à procura da ilha desconhecida. O rei, ironicamente, lhe diz que não havia mais ilhas desconhecidas. O homem lhe retruca, que se eram desconhecidas como ele sabia que não havia? O rei, sem saber o que responder e, pressionado pela multidão que se aglomera, concede então um barco ao homem. Assim se livrava do homem, voltava para a porta dos obséquios que era onde gostava de ficar e tudo ficava como antes. E assim, o homem consegue seu barco para partir em busca de sua ilha desconhecida.

Podemos comparar o conto de Saramago ao jovem estudante, oriundo de famílias de baixa renda em busca de seu sonho por melhores condições, por acesso à educação e tem como objetivo o diploma de curso superior, sua ilha desconhecida. Ao pedir um barco, não lhe pede

Na exposição Os Pontos e a Vista, ela nos dá a ideia das jornadas de Saramago no decorrer de sua existência

**Jardim do Paço em
Lisboa, Portugal com
vista para o encontro do
Rio Tejo com o Oceano
Atlântico.**



nada mais do que lhe é direito, Lei das cotas e o rei, representando por toda a documentação exigida em editais (o sistema) que lhe dificulta e lhe dá, como no conto, a esse jovem é concedido o mínimo do necessário para que siga seu caminho em busca de seu destino.

E a cada ano uma centena de jovens lança-se a essa aventura e, tal qual o homem do conto de Saramago, batem à porta das petições e pedem um barco para seguirem em busca de sua ilha desconhecida. No livro de Saramago, o homem, ao fazer seu pedido, na porta das petições, e exigir fazer o pedido pessoalmente ao rei, quebra assim o processo de leva e traz e o descaso do rei em não atender às petições.

Não é de hoje o contingente significativo de jovens, vindos inicialmente do interior às grandes cidades, para ingressar nas IFES. Essa possibilidade de, não importando o estado, através da inscrição você estar concorrendo a vagas em IFES em todo o país, desde que atenda aos critérios para preenchimento das vagas. Atualmente com o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a abertura a essas instituições é ainda maior, permitindo o ingresso de estudantes de todo o país promovendo uma grande migrância, deslocamentos. “A migrância não diz respeito apenas à travessia física de territórios” (OULLET, 2005). Nesse caso, permite que o jovem do interior baiano, que nunca saiu de sua cidade, que talvez nem conheça a capital de seu estado, lhe seja possibilitado atravessar o país e estudar numa IFES, por exemplo, na cidade de Rio Gran-

de, no sul do RS distante a muitos quilômetros de sua casa.

Para muitos desses jovens, essas cidades ficam em mares desconhecidos e, dependendo de onde moram e com pouco acesso a internet ficam sabendo o pouco que ouvem, assistem em noticiários, leram nos livros escolares. De acordo com o Dicionário Aurélio, o termo migrante aparece como “que muda

periodicamente de um lugar para outro: pássaro migrante”. Para alguns desses jovens o retorno talvez não ocorra pois, ao saírem em busca de sua ilha desconhecida, por conta da distância de suas casas e das condições a volta para casa, visitar a família que ficou distante torna-se um novo desafio. Sabem quem, por hora tiveram de abandonar, partiram em busca de sua própria história, precisam disso para poder retornar. Essa mudança lhes propicia a oportunidade de conhecer outras terras, costumes, pessoas e com isso lhes abrir um novo mundo diferente daquele que puderam imaginar ou que imaginaram e agora têm a oportunidade de realizar. Ao decidir-se percorrer um caminho tão longo, distanciar-se do grupo familiar partir para outra cidade, novos costumes esse jovem opta por seu percurso.

Migrante: que muda de tempo em tempo de um lugar para o outro



Uma das condições imprescindíveis para esse jovem alcançar sua ilha desconhecida é um barco. Esse barco será a moradia estudantil, que chamará de casa, pelo tempo que residir longe da sua casa original. É nesse período, compartilhando um espaço tão diversificado, trabalhando sociabilidades, transitando num macro espaço, a casa e num micro espaço seu quarto que, em geral é dividido com um colega, que se dá o processo de desenvolvimento da identidade. Ciampa (2004) descreve as identidades como sendo constituídas a partir de diferenças e igualdades, sendo essa primeira noção adquirida no núcleo familiar. A partir de suas vivências esse indivíduo constrói sua identidade, pois durante essa trajetória vai acumulando elementos responsáveis pela modificação de sua essência, resultantes desse convívio social que ele terá nesse período de vivência na casa.

Nesse micro espaço, seu quarto, seu barco, esse jovem na maioria das vezes compartilha esse espaço com um companheiro de viagem, que como ele, veio de outra cidade, deixou família e tem os mesmos sonhos e objetivos. Para Berlato e Sallas (2008), na divisão desse pequeno

espaço cada um terá que dimensionar seu espaço, sua fronteira sem interferir no espaço do outro. Criar seu território onde ficará demarcado seu lugar com suas memórias, sua identidade. Daí a importância da sociabilidade, dessa experiência no desenvolvimento de

sua identidade, numa nova etapa de vida, agora como um jovem em busca de seu espaço dentro de uma sociedade, a sua ilha.

Saramago, o homem, em suas andanças pelo mundo conheceu lugares, deu a volta ao mundo. Saramago, o escritor, muitas vezes mais. Descreveu uma ilha, tomou um barco e encontrou sua ilha desconhecida. Para Pierre Ouellet “o ser hu-

mano vive em deslocamento”, Saramago não foi diferente principalmente como escritor, pois os escritores não conhecem fronteiras físicas, assim é o pensamento, assim é a imaginação.

Fazer a conexão entre Saramago, sua exposição, seu livro O Conto da Ilha Desconhecida aos jovens que se aventuram, anualmente, em busca de suas ilhas desconhecidas foi uma reflexão por conta da pesquisa desenvolvida para o Mestrado sobre a Casa do Estudante Universitário - CEU da UFRGS. Não tem como não se envolver com a história de Saramago e essa jornada, para muitos um ato de coragem para não perder a coroação, depois de um ano esforço e dedicação, que será apenas o início de uma história a ser percorrida em mares turbulentos, onde alguns lhes dirão que não existem mais ilhas desconhecidas. Mas eles, com seu esforço, verão ao longe indícios de sua ilha. E com isso me vem a imagem da revoada de livros expostos no hall do Farol Santander, que alçam voo a novos territórios, a novas fronteiras e como teria dito Saramago foram parte de sua formação literária e humana.

REFERÊNCIAS

BERLATTO, F., SALLAS, A.L.F. Um lar em terra estranha: Espaço e Sociologia em casa de estudantes feminina. Revista Chilena de Antropologia Visual, n. 12, 2008

CIAMPA, A. da C. In Psicologia Social: o homem em movimento, Silva, T. M. Lane, W. C. Org. São Paulo: Brasiliense, 2004

SARAMAGO, J. O conto da ilha desconhecida, São Paulo: Companhia das Letras, 1998

**A partir
de suas
vivências
pelo mundo,
o indivíduo
constrói suas
noções de
identidade**

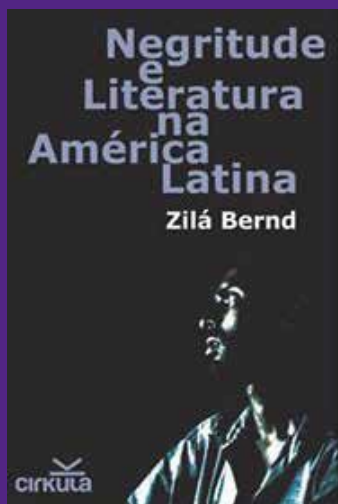
AUTORA: CARLA R. C. ALVES



é formada em Formação Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos e Mestranda em Memória Social e Bens Culturais na Universidade La Salle

resenhas

Negritude e literatura na América Latina, de Zilá Bernd (Editora Cirkula, 2018, 175 páginas)



Trinta anos depois da publicação de *Negritude e Literatura na América Latina*, livro de Zilá Bernd que analisa a literatura negra nos espaços latino-americanos, a editora Cirkula traz novamente, em segunda edição, o texto na íntegra. Uma reedição comemorativa vinda desde o ano de 1988 para 2018.

Neste livro, Zilá começa explicando o projeto de uma literatura negra produzida no espaço latino-americano a partir de noções de negritude e de negridade. Em que negritude é um estado transitório, um modo de estar no mundo e um modo de produzir, enquanto negridade é uma forma de se produzir a identidade negra a partir de seus artefatos culturais, como a literatura.

Ao mesmo tempo, ela acredita que negritude colocada como uma antítese do discurso de branquitude acaba somente enfraquecendo a identidade negra e demonstrando que as relações étnicas entre seres humanos se resumem a um jogo de oposição, de um “nós contra eles”.

Para a autora ao assumir-se negro, ou seja, o fato de deixar emergir uma consciência negra, apresenta três dimensões, a saber: (1) a íntima, aquela que dá conta de sentimentos próprios; (2) a política, que estabelece a negociação entre o eu e o outro e o eu e os outros, tendendo (3) a uma dimensão grupal autônoma.

A dimensão política também se estabelece no fazer literário dos negros dotados de uma consciência negra, que acaba envolvendo a negociação da cultura, no fenômeno da transculturação, que foi estudado à miúdo por Zilá no decorrer de sua carreira. Ao mesmo tempo, essa política cultural envolve resistência, feita de maneira espontânea, mas guardando os elementos originários da “mãe África” de onde também veio um manancial simbólico que precisa ser resgatado e garantido para que esteja à disposição das novas gerações. Por outro lado, a literatura negra latino-americana também está disposta à desestruturação de um sistema de valores que apresenta como verdadeiro o fato dos negros estarem associados a elementos negativos.

Zilá defende a tese de que “a poesia negra é, nesta medida, aquela que fala a receptores das diferentes latitudes onde existem formas veladas ou explícitas de racismo, permitindo-lhes uma representação comum de mundo” (BERND, 2018, p. 76). Depois de analisar diversos poetas vindos de diversos recônditos latino-americanos, divididos aqui entre caribenhos e sul-americanos, Zilá nos dá uma síntese dos elementos, elencados acima, que caracterizam os poemas negros latino-americanos.

A tese principal defendida pela autora é a de que a definição de literatura negra está associada, não à cor da pele do escritor ou poeta, mas à emergência de um eu enunciador que se quer negro, deixando assim de cair na armadilha de definir literatura negra pela cor da pele dos autores.

Sobre a função da literatura negra ou afro-brasileira no mundo contemporâneo, a autora considera que ela esteja associada à denúncia e ao protesto contra a discriminação étnica, buscando despertar a consciência dos negros para os valores próprios ao estar-no-mundo como negro, descendentes de escravos ou ex-escravos.

**LIVRO RESENHADO POR
GUILHERME “SMEE” SFREDO MIORANDO**



Revista da Disciplina de
Oficinas de Linguagens
Culturais e Suas For-
mas de Expressão e da
Disciplina de Mobilidades
Culturais
1º Semestre e 2º Semestre
• 2019
Ano 9 • Nº 15

Deslocamentos: olhares e percursos

ISSN 2358-1581

memória e linguagens
culturais

UNIVERSIDADE
LaSalle 